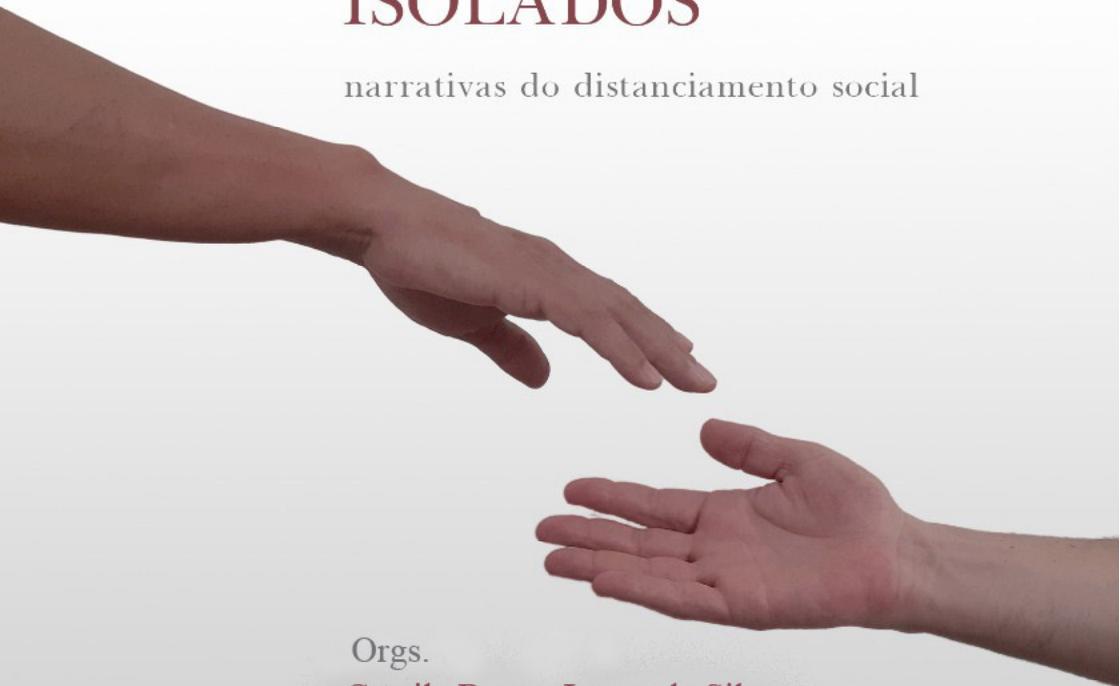


SENTIMENTOS ISOLADOS

narrativas do distanciamento social



Orgs.

Camila Bastos Lopes da Silva

José Guilherme Castro

Lucilinda Teixeira



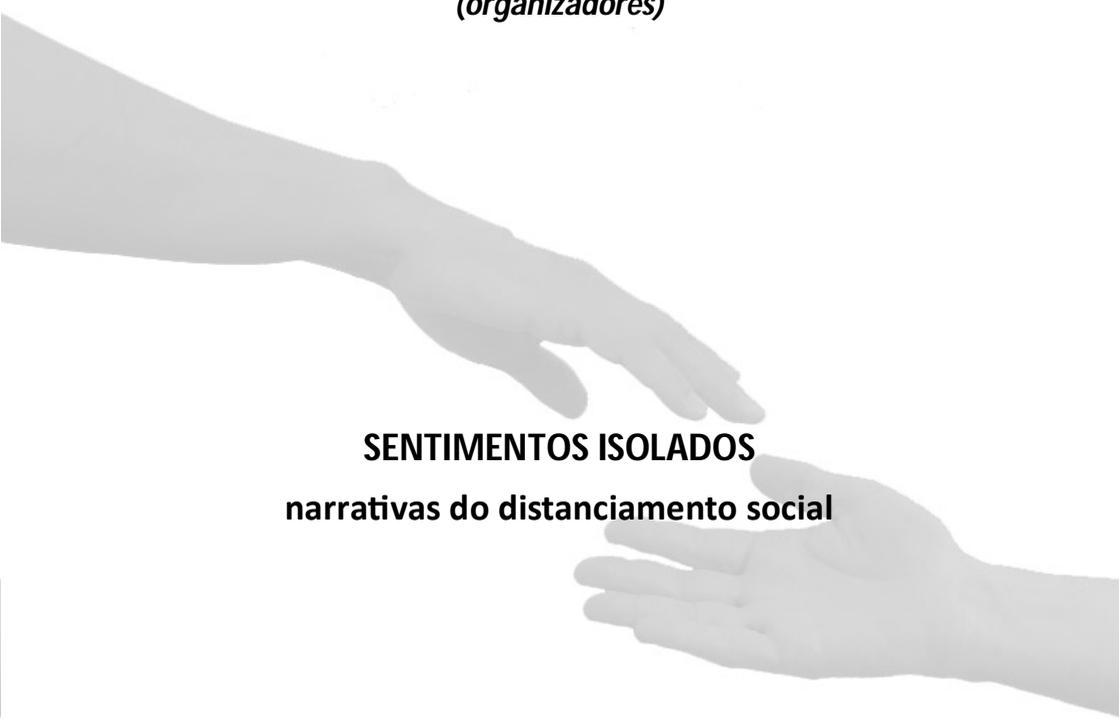
The image features two hands, one on the left and one on the right, reaching towards each other. The hands are rendered in a light, semi-transparent grey color against a plain white background. The fingers are slightly spread, and the palms are facing each other, creating a sense of tension or longing. The overall composition is minimalist and evocative, suggesting themes of social interaction, isolation, or the desire for connection.

SENTIMENTOS ISOLADOS
narrativas do distanciamento social



**Camila Bastos Lopes da Silva
José Guilherme Castro
Lucilinda Teixeira**

(organizadores)



SENTIMENTOS ISOLADOS
narrativas do distanciamento social

UNAMA
Belém(Pa) 2020

SENTIMENTOS ISOLADOS narrativas do distanciamento social
© UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA (2020)

INSTITUTO CAMPINENSE DE ENSINO SUPERIOR LTDA

Presidente:

Jânio Janguê Bezerra Diniz

Vice-Presidente:

Joaldo Janguê Bezerra Diniz

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA (UNAMA)

Reitora:

Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

Pró-Reitor de Ensino:

José Wagner Cavalcante Muniz

Pró-Reitora de Ensino Adjunta:

Fabiola Vilela Machado

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão:

Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Diretora da UNAMA Ananindeua:

Tamara Almeida Damasceno

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Comunicação, Linguagens e Cultura:

Edgar Monteiro Chagas Junior

Conselho Editorial:

Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (Presidente)

Analaura Corradi

Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Danila Gentil Rodriguez Cal Lage

Evanilde Gomes Franco

Leonardo Augusto Lobato Bello

Luis Otávio do Canto Lopes

Márcia Athayde Moreira

Marco Aurélio Arbage Lobo

Ronaldo Lopes Rodrigues Mendes

Sérgio Cardoso de Moraes

Sérgio Castro Gomes

Edição: Universidade da Amazônia (UNAMA)

Revisão de textos: Camila Bastos Lopes da Silva

Normalização: Nazaré Soeiro

Capa: Marcílio Caldas Costa

Formatação gráfica: Lucilinda Teixeira

Catálogo na fonte

www.unama.br

S478s Sentimentos isolados [Livro eletrônico]: narrativas do distanciamento social. / Organizadores Camila Bastos Lopes da Silva; José Guilherme Castro; Lucilinda Teixeira. Belém: Unama, 2020.

136 pgs.

ISBN: 978-65-88274-01-9

1. Narrativas. 2. Sentimentos. 3. Pandemia. I. Silva, Camila Bastos Lopes da. II. Castro, José Guilherme. III. Teixeira, Lucilinda. IV. Título.

CDD: 808.3

SUMÁRIO

- 
- 11** APRESENTAÇÃO:
SENTIMENTOS ISOLADOS
narrativas do distanciamento social
- Camila Bastos Lopes da Silva
 - José Guilherme de Oliveira Castro
 - Lucilinda Ribeiro Teixeira
- 13** PREFÁCIO:
UM TEMPO IMPREVISÍVEL
E A PALAVRA REVELADORA
- João Carlos Pereira
- 17** NARRATIVAS: TRADIÇÃO E CONTEMPORÂNEA
Alessandra Cruz Nogueira Leão
- 19** A SORTE DE UM DIA TRANQUILO
- Alessandra Fonseca dos Santos Soares
- 21** O RESSIGNIFICAR DO ISOLAMENTO SOCIAL
- Amanda Botelho Menezes
- 23** FARMACINHA DESFALCADA
- Anna-Beatriz Bassalo Aflalo
- 27** BELÉM, 13 DE MAIO DE 2020
- Andrea Mendes
- 29** O PIOR INIMIGO DO BRASILEIRO É O ESTADO
BRASILEIRO
- Antônio Carlos de Castro Santos
- 35** SER NEGRA
- Camila Bastos Lopes da Silva
- 39** ETERNIDADE
- Camila Bastos Lopes da Silva

43 APROVEITANDO A QUARENTENA PARA EVOLUIR
• Carla Regina Santos Paes

49 NARRATIVA DO COTIDIANO EM
MEIO À PANDEMIA
• Carolina de Sousa Franco Santos

55 CONTA-DORES
• Dalva Lima

57 “NÃO ERA UM SÁBADO QUALQUER”
• Dalva Lima dos Santos

59 SILÊNCIOS E RUÍDOS NA PANDEMIA
• Danielle do Socorro Castro Moura

63 NOTA DE REPÚDIO SOBRE AS NOTAS DE PESAR
OU APENAS MAIS UMA NOTA DE PESAR POR
TODAS AS NOTAS DE REPÚDIO?
• Diego Duarte Borges

65 “MINHA VIDA É MINHA HISTÓRIA”
• Enilene Débora leite Rodrigues

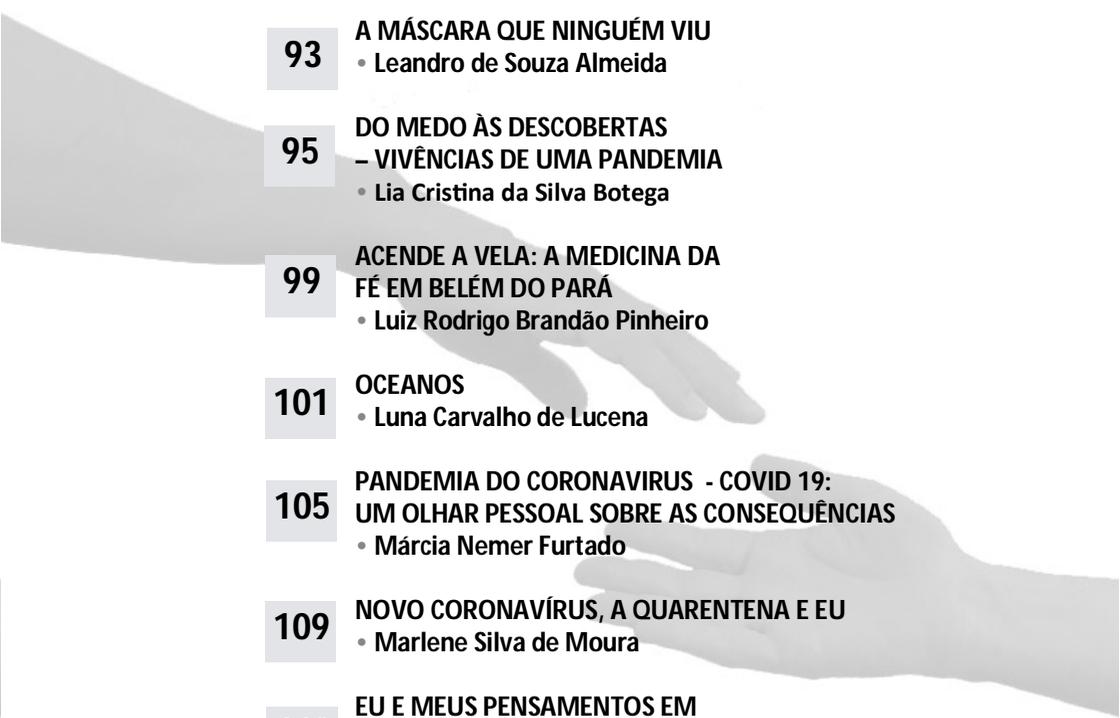
67 QUANTO TEMPO MAIS TEREI QUE ESPERAR?
• Fleyvisson Luan da Silva Lobato

69 HÁ ESPERANÇA... ESPERANÇA DE VIDA!
• Frank de Sousa Santos

73 TRADIÇÃO E CONTEMPORÂNEO
• Ingrid Nazaré de Souza Franco Mendes

75 SOBRE VIVÊNCIA
• Joyce Cristina Farias de Amorim

81 COVID-19 - DIAS DIFÍCEIS
• Kátia Regina de Souza da Silva



87

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA MINHA VIDA

• Kátia do Socorro Carvalho Lima

91

VÍRUS E INSÔNIA

• Kyria M. R. Monteiro

93

A MÁSCARA QUE NINGUÉM VIU

• Leandro de Souza Almeida

95

**DO MEDO ÀS DESCOBERTAS
– VIVÊNCIAS DE UMA PANDEMIA**

• Lia Cristina da Silva Botega

99

**ACENDE A VELA: A MEDICINA DA
FÉ EM BELÉM DO PARÁ**

• Luiz Rodrigo Brandão Pinheiro

101

OCEANOS

• Luna Carvalho de Lucena

105

**PANDEMIA DO CORONAVÍRUS - COVID 19:
UM OLHAR PESSOAL SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS**

• Márcia Nemer Furtado

109

NOVO CORONAVÍRUS, A QUARENTENA E EU

• Marlene Silva de Moura

113

**EU E MEUS PENSAMENTOS EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

• Mônica Eliana de Oliveira Ferreira

123

2020

• Rosângela Araújo Darwich

125

NARRAVIDAS DA PANDEMIA

• Terezinha de Jesus Monteiro Lobato do Nascimento

130

SOBRE OS ORGANIZADORES

131

SOBRE OS AUTORES



APRESENTAÇÃO

SENTIMENTOS ISOLADOS narrativas do distanciamento social

Camila Bastos Lopes da Silva
José Guilherme Castro
Lucilinda Ribeiro Teixeira

O homem é um ser que possui capacidade para criar, para produzir algo diferente e, como disse Oscar Wilde, no prefácio do romance *O Retrato de Dorian Gray* – um criador de coisas belas. O importante é que, usando palavras do cotidiano, o escritor produz um texto diferente, com linguagem conotativa, e traz as marcas da trajetória de vida do produtor.

Esse pensamento remete à teoria do crítico francês Hipolyte Taine, quando diz que o escritor, em suas obras, sofre influências das características inerentes à sua raça, como também do meio social e do momento histórico. Neste aspecto, o brasileiro herdou, em sua personalidade, o lirismo que o lusitano transmitiu aos povos que ele conquistou, no além-mar.

Mas, abordando aspectos da literatura brasileira, não podemos descartar a presença do meio social e do momento histórico. Assim é que as produções literárias dos alunos do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, na disciplina *Narrativas: tradição e contemporaneidade*, que trabalharam o tema da pandemia que assola, não somente o território brasileiro, mas o Universo inteiro, revelam:

O lirismo – os textos apontam a natureza da pandemia que fez aflorar diferentes sentimentos, como a perda: da

liberdade, visto que se sentiram aprisionados em casa, sem poder sair, conversar com alguém, quebra dos hábitos e dos costumes da vida diária, mas também a perda de pessoas queridas (familiares ou amigos); medo - da morte, da solidão. Aí vem o desejo de reencontro com os amigos e consigo mesmo. Algumas vezes, brota a revolta contra um inimigo invisível que deixa o sujeito impotente para atacá-lo de frente.

Porém, houve também fatos positivos, descobertas inesperadas: quem se lembrava de olhar a paisagem debruçado, na janela? Quem avistou uma rosa desabrochando no jardim? Quem brincou com o filho ou com sobrinho e se renovou com o sorriso espontâneo em seus lábios? São fatos que renovam a alma do sujeito. Mas, tudo isso foi possível graças a um vírus bruto, mal-humorado e zombeteiro.

Os dados históricos registram que esse vilão maldoso teve sua origem no Oriente. Veio migrando até chegar ao Brasil. Desembarcou trazendo a doença, a morte, a apreensão, a dor e o sofrimento. Tudo isso confirma a teoria de Taine, pois a raça, o momento histórico e o meio social se fazem presentes nas narrativas dos alunos/criadores do Curso de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. São crônicas que falam da pandemia, do vírus, das consequências que a doença causou, coisas do conhecimento do público, que revelam a visão particular de cada autor sobre o tema.

Portanto, cada texto levará o leitor a sentir pelo mundo da pandemia, através do mistério da criação que só o signo linguístico pode proporcionar. Nas produções literárias, detectam-se aspectos intimistas, a descoberta da natureza e de si mesmo, a crítica social e da política vigente.

PREFÁCIO

UM TEMPO IMPREVISÍVEL E A PALAVRA REVELADORA

João Carlos Pereira*

Quando as luzes dos fogos de artifício iluminaram os céus do mundo, na noite de 31 de dezembro de 2019, saudando a chegada de 2020, ninguém poderia supor, entre sorrisos, champagnes e votos de felicidades, o que o novo ano prometia – e cumpriria – para o mundo. O número dobrado era festejado como portador de bons presságios. Um numeral raro. Algo para não ser esquecido. Os numerólogos, os adivinhos, os oráculos, os porta-vozes do amanhã talvez tenham se atrapalhado na leitura do óbvio e não conseguiram enxergar, com muita clareza, a pandemia entrelaçada na fumaça do foguetório. Inebriado de esperanças, 2020 disse a que veio.

Lembro, antes de o carnaval dominar as ruas do país, que já se falava em um vírus distante. Mas o que era um “vírus distante”, diante da alegria de um povo? O problema era das terras distantes onde o bicho nasceu. A dor dos outros nem sempre está no jornal. Desta vez estava. No Brasil só havia espaço para a folia. O que pouca gente sabia, ou os que sabiam não quiseram dizer, para não melar os lucros momescos, é que ele já andava por aqui, disfarçado, fantasiado de pirata; vestido de palhaço; dançando atrás dos blocos e trios elétricos, sem culpa nenhuma. Afinal, quem ia morrer não era ele. Os que iam, nem imaginavam que a cadela faminta, em roupas de um vírus cruel, os rondava. E toma-lhe alegria no país vice-campeão de mortos gerados pela pandemia. Pandemia não rima com alegria, mas aqui ela se fez

* Jornalista, professor universitário, membro da Academia Paraense de Letras.

propositalmente. O Brasil inconsequente e o coronavírus, no fim das contas, tinham tudo a ver. Um descuidou da saúde do povo, o outro se aproveitou do desleixo oficial e fez a festa. A festa da agonia, diria Mário Faustino, o poeta que não morreu de mala sorte, mas morreu de amor pela morte. Simples assim.

Com quase quatro meses de isolamento social, distanciamento, afastamento, seja que nome se dê a essa fase estranha da vida do planeta, quando todos viveram (e vivem) sob o mesmo medo, diante de idêntico cenário de pavor, experimentando igual possibilidade de morte por asfixiamento, a vida se arrastou como pode. Arrastar é o verbo perfeito para descrever a cena. Todos nos arrastamos, rastejamos, diante do poder do vírus. Quem ousou enfrentá-lo de peito aberto, como se houvesse feito rituais de invocação do mal, virou estatística de morte.

No primeiro semestre de 2020, quase sessenta mil brasileiros deixaram para trás histórias que, se não dariam um livro, pelos menos fizeram a felicidade de muita gente. Vidas que se perdem são trajetórias que se sepultam. Nesse trágico momento, foram enterradas com muito choro, mas sem nenhuma vela. Os mortos não tiveram direito a velório, a cortejo, à missa de corpo presente ou a um adeus. Morte por corona vírus é condenação, também, ao isolamento.

Enquanto os que apenas nos precederam na mesma condição de todos nós, a de criaturas que serão travadas, ou contidas, por um ponto final em qualquer lugar da frase da existência, nos foi atribuída uma circunstância definitiva: a de sobreviventes. Hoje, mais do que nunca, somos, confirmaria Fernando Pessoa, vestido de Ricardo Reis, cadáver adiado que procria.

Não há pessimismo nessa certeza. Há somente clareza de nossa sofrida trajetória sobre a terra arrasada por uma pandemia sem precedentes. Ainda que nos custe crer, terminaria o Poeta: “somos contos contando contos, nada”.

O que o leitor encontrará a seguir, porém, não são contos do nada. Trata-se de uma experiência estética de narrativa de sobrevivência. Possibilidades individuais de construções de pontes da palavra para a vida possível e confinada. O que se passou no coração de cada um dos autores/alunos aqui reunidos não poderia ser esquecido porque para além de qualquer possibilidade de definição. Foi um exercício de resistência.

O acalanto que a palavra proporcionou a cada um dos alunos do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, na disciplina 'Narrativas: tradição e contemporaneidade', da Unama, ajudou-os a enfrentar com um pouco mais de coragem o deserto, cujo final, neste áspero e incerto, neste julho de 2020, ainda é impossível vislumbrar.

Graças à tecnologia que o século XXI pode oferecer, alunos, professores e convidados, como eu, nos reunimos em salas virtuais para debater conteúdos. A seriedade como tudo foi feito, o empenho das partes envolvidas nesse processo, a dedicação e o esforço de parte a parte se completam, agora, com este volume.

A vida de todos e de cada, manifestada no silêncio da palavra angustiada, haverá de ser preservada e protegida pela capa do lirismo com que foi transcrita. O conceito latino associado à expressão *cor-cordis*, que fala em trazer de novo ao coração, permitirá, para agora e para o futuro, a certeza da revelação. A cada nova leitura das experiências aqui relatadas será possível manter a atualidade desta hora. Velando e revelando a dor, mais do que nunca confirmará a idéia de que o lírico é irmão de todos os homens, de todas as épocas e em qualquer língua. Com ou sem pandemia.



NARRATIVAS: TRADIÇÃO E CONTEMPORÂNEA

Alessandra Cruz Nogueira Leão

O caos que estamos vivenciando atualmente relacionado à pandemia do COVID-19, resulta, somando ao adoecimento em si, das ações de poderes políticos, econômicos e institucionais sobre as pessoas e das respostas a problemas sociais vindo dos coletivos. Sob a categoria de sofrimentos sociais estão condições que abarcam campos distintos como saúde, bem estar, questões morais, legais e religiosas. Além disso, temos a sensação de que tudo isso vai demorar a passar, pois o medo é traiçoeiro, nos faz pensar e sentir sensações desagradáveis, como se o mundo estivesse acabando. Por sua vez, de acordo com esses campos, desestabilizam-se as categorias estabelecidas. Nesse sentido, o trauma, a dor e desordens que epidemias fazem crescer são condições de saúde e também são problemas políticos e culturais. No caso da pandemia do coronavírus, cabe analisarmos como os sujeitos estão desenhando sua experiência de sofrimento social para refletirmos criticamente quando o sofrimento social se expande. O adoecimento é uma experiência contextual e relacional, as ciências sociais advogam que não é possível isolá-lo como um estado biológico, mas requer uma análise que se enraíza na vida cotidiana, institucional e globalizada. Requer seguir as esteiras das narrativas produzidas por sujeitos e

fazer transparecer os processos racionais-técnicos e intervenções tecnológicas ou “tratamentos” que podem ser efetivos, mas também são respostas burocráticas para a violência social que podem intensificá-las. Devem-se examinar as relações criadas entre linguagem e dor, imagem e sofrimento. A linguagem de desânimo, sofrimento, privação que não se parecem com as terminologias de políticas e programas, acabam por melhor descrever o que está em jogo nas experiências humanas de catástrofes e de violência social estrutural e explicam melhor como o encontro de discursos globalizados e realidades sociais localizadas prolongam tragédias coletivas e individuais. São capazes de trazer o visível do cotidiano que a espetacularização da mídia muitas vezes não é capaz de revelar. Em meio a todo sofrimento, surgem as infodemias, as quais só aumentam o pânico entre as pessoas. Esses seres humanos, não-empáticos, transmitem fake News constantemente, fortalecendo a corrente maligna, se já não bastasse a situação de tristeza e impotência que estamos passando. Nesse momento conseguimos mensurar como andam os valores dos ser humano.

A SORTE DE UM DIA TRANQUILO

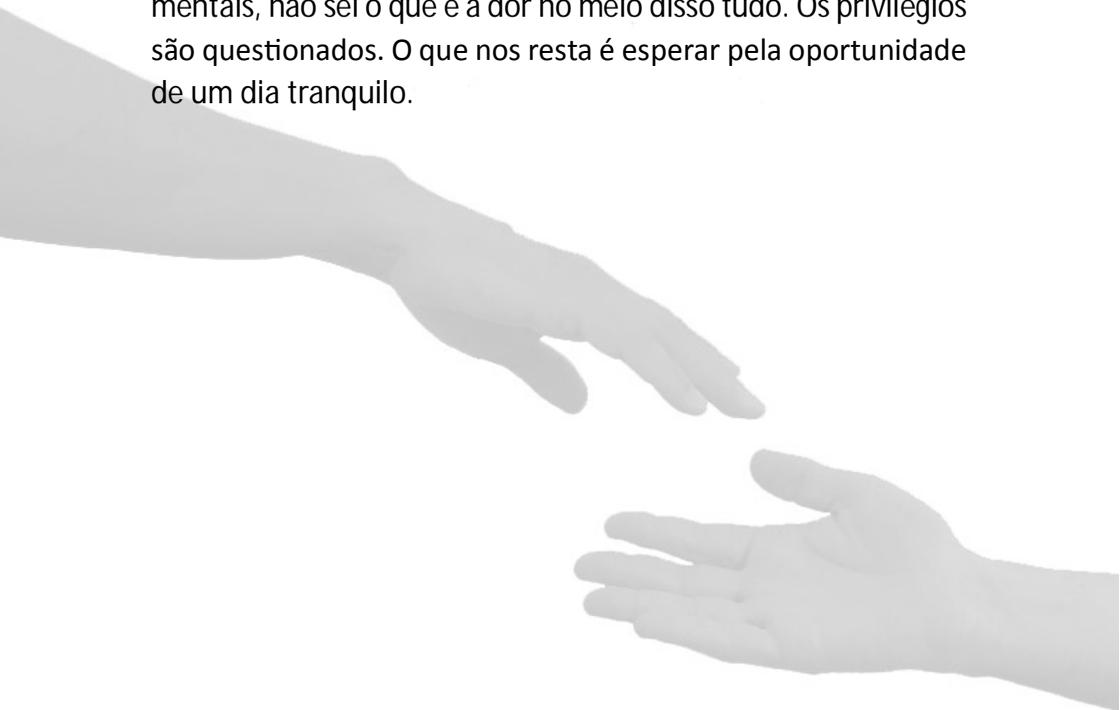
Alessandra Fonseca dos Santos Soares

Mudanças são processos. Adaptar-se exige tempo e compreensão de uma nova rotina, que por vezes são opções. A pandemia trouxe a mudança à marteladas na nossa cabeça. De repente, em casa para trabalhar, estudar e conversar diante da tela do computador ou celular. Os piores pensamentos passam à cabeça. Será que também vou ser contaminada? A corda bamba do cotidiano põe em xeque a certeza de viver o dia seguinte. Uma mensagem resume a salvação: fica em casa.

A vida tem que continuar, apesar de tudo. Produções, metas e prazos surgem ao mesmo tempo em que milhares de pessoas morrem por conta de um vírus desconhecido. Não demora muito, parentes, amigos e conhecidos também são diagnosticados e a saúde mental vai perdendo a força. Porém, nós somos a fortaleza dos nossos familiares. É preciso estabilizar a atmosfera sombria que insiste em nos rodear. O novo real já é uma verdade e nos faz valorizar o que era comum antes.

A exaustão chega. Esvazio a mente no oceano turbulento de pensamentos. Muitos de nós somos muitas coisas, mas hoje não sou nada. Apenas uma pessoa assustada em busca de uma saída para essa situação. Já se passaram três meses de confinamento, é a metade do ano. Me sufoco com a ansiedade. Mas não posso parar. De onde vem essa cobrança? O ócio produtivo importa, então. Tudo é questionado para o pior, mas sigo na esperança de dias melhores porque pensar positivo também não é uma opção.

Minha identidade é definida a cada dia pelas minhas reações e capacidade de superar aquilo que não posso controlar. Uma página de nossas vidas é redefinida em meio ao convívio reduzido. A grande ficha caiu. Mesmo com todos os percalços mentais, não sei o que é a dor no meio disso tudo. Os privilégios são questionados. O que nos resta é esperar pela oportunidade de um dia tranquilo.



O RESSIGNIFICAR DO ISOLAMENTO SOCIAL

Amanda Botelho Menezes

Ao iniciar minha narrativa, preciso dizer que senti uma grande barreira criativa nesse pontapé inicial. Me indaguei motivos, causas, temas e formas de expor como é viver esse momento que nunca imaginei passar na minha vida, e diante da ebulição de dúvidas na minha mente, me voltei para a questão mais sincera e recorrente neste momento, o que sinto em meu coração e minha mente. Todos os medos e angustias, a ansiedade que me tira o sono, a sensação de impotência pela saúde daqueles que tenho amor e carinho e as incertezas de um futuro impreciso.

O isolamento engatilhou muitas questões que estavam guardadas e me fez refletir sobre questões nunca antes sequer imaginadas, e por isso não posso dizer que só de experiências negativas essa quarentena me apreciou. Viver quase 2 meses em isolamento total, sem idas sequer ao supermercado, me possibilitou rever muitas formas de enxergar a cidade, a rua, mas principalmente as pessoas. Depois de tanto tempo, uma conversa sobre a chuva que vai cair mais tarde com o estranho na parada de ônibus, uma conversa rápida sobre o final de semana em uma praia em Mosqueiro com o porteiro da escola da minha filha, ou até mesmo o bom dia para o vizinho no elevador, começam a ser pequenos atos que fazem falta para alguém que ama essas relações pessoais como eu. Atos que até o momento pré-pandemia, eram taxados como banais por mim. Além disso, ver minha amada Belém dentro da moldura da janela, que me permite poucas mudanças de ângulo, me questionou onde eu estava que não circulava por ali, parafraseando Walter Benjamin,

“flaneuriando” por Belém e curtindo essa paisagem amazônica e terminando o passeio num fim de tarde como este, com um bom sorvete da Cairú na Estação das Docas.

Além das questões urbanas que o isolamento me permitiu ressignificar, como uma boa arquiteta de formação, as questões pessoais foram, sem dúvida, as mais atingidas neste momento. A ausência das risadas em uma reunião de primos, a contação de história de minha avó, os momentos memoráveis não “instagramizados” entre amigos de escola, os longos passeios pelos lugares favoritos de Belém com a minha mãe, e a risada gostosa da minha filha em cada escorregada no escorrega-bunda da praça, são as lembranças que mais afagam meu coração neste momento. Apesar disto, seria errado dizer que não é possível ser feliz durante a quarentena, mas lembrar desses momentos me mostram o verdadeiro valor das coisas, e me direcionam para um novo eu, que pretende viver os momentos mais intensamente do que antes, amar como nunca e cuidar das pessoas queridas como sempre quis, valorizando mais os pequenos momentos e dedicando mais horas para o que realmente me faz feliz.

FARMACINHA DESFALCADA

Anna-Beatriz Bassalo Aflalo

É incrível (e ao mesmo tempo trágico) como a rotina pré-pandêmica me blindava os olhos sobre o meu próprio lar. Acordar às 7 da manhã, fazer a higiene (ainda dormindo), pendurar roupa, mala e cuia no corpo, dar bom dia para o avô na passagem para a rua, de estômago vazio e chave do carro tilintando. “Bom dia, vô! Qualquer coisa, me ligue!”, molhar os dedos na água benta, fazer o sinal da cruz e bater a porta. Antes de chamar o elevador, enxugar a gota da água sagrada que escorreu na testa. É o ritual da manhã.

Depois de maratonar horas de sala de aula (arrependida de não ter comido sequer uma bolacha no café da manhã), almoçar algo com sabor de qualquer coisa, seguido de uma tarde imersa em desenhos, à mão e ao mouse.

Anoiteceu. Hora de chegar em casa para o terceiro turno, dividindo as horas que restam no dia entre aulas para elaborar e para assistir, textos úteis, posts fúteis, mais desenhos e, talvez, um queijo quente com café no jantar. Se der tempo.

Às 22h, pontualmente, o vô bate na porta e não entra com medo de gripar com o ar condicionado ligado. Ouço “um dedo” da porta se abrir: “Minha filhinha, boa noite, durma bem e tenha bons sonhos!”. “Boa noite, vô! Pro senhor também!”, respondo. E nesse momento já me preparo para mais duas ou três horas de labuta extra, até os olhos pedirem para dormir, esperando o despertador que começa a tocar às 6 da matina, mas que o corpo só escuta a partir das 7.

Conto tudo isso porque, se alguém me perguntasse, no meio de todo esse turbilhão rotineiro sobre a validade dos

remédios que guardo no armário, talvez eu me sentisse ofendida com o questionamento. Afinal, é claro que eu jamais correria o risco de tomar remédios vencidos. Ou correria?

No segundo dia de isolamento social, eu não tinha um único comprimido antialérgico que me salvasse de uma faxina empoeirada. Desde o antitérmico, até o band-aid. Todos fora da validade há, no mínimo, um ano.

O problema da “farmacinha desfalcada” se resolveu com uma expedição mascarada e enluvada, de 15 minutos, até a farmácia da esquina. Mas o sentimento de afastamento do próprio lar... Esse ficou. Lar-corpo, lar-mente, lar-casa, lar-“farmacinha”. Em que momento paramos de observar nossos espaços?

A cada dia de quarentena, novas descobertas surgem sob o meu teto. Teto meu, mas que nem conhecia mais.

Descobri outro dia, em uma expedição à varanda do meu próprio quarto, que a babosa que enfeita o canto que projetei como “jardim particular”, deu flor. “Babosa dá flor?”, me perguntei. Eu não sabia. Como eu não sabia? Como não percebi uma flor em meios aos espinhos ali do meu lado?

Se escondendo atrás da flor da babosa, uma vista da cidade. Morar em apartamento, em andar alto, tem seus benefícios. “Espera aí! Aquela lá é a Igreja das Mercês? E aquele ali é o prédio onde mora o meu tio?”. E nesse momento, uma paisagem desconhecida apareceu para mim, bem na minha janela.

A janela que guarda outras janelas. Janelas de patrimônios históricos, de edifícios modernistas, de apartamentos contemporâneos, de órgãos públicos. De diversos formatos, que se acendem ao cair do dia e, por contraste, revelam pessoas, penumbras e painéis.

Famílias. Com uma ou mais pessoas, de gente grande e

pequena, multicolorida. Homem, mulher, unicórnio, cachorro, gato, papagaio. Famílias, que física ou espiritualmente habitam cada uma das ventanas que descobri além dos limites do meu lar.

Eu não sei que segredos, polêmicas, romances ou, quem sabe, crimes, cada janela esconde em seu interior. O que guardam essas molduras? Quantas realidades e costumes diferentes habitam cada um desses edifícios? Será que a “farmacinha” deles está desfalcada?

Quanto estudo e trabalho são necessários para fechar e, paralelamente, abrir nossos olhos? O que precisa acontecer para que reolhemos com carinho para dentro das nossas moradas? Quantos dias de isolamento social são necessários para descobrirmos, de dentro das nossas, outras casas?



BELÉM, 13 DE MAIO DE 2020

Andrea Mendes

São 22:43, dia seis do lockdown decretado pelo Governo Estadual como medida de contenção de contágios do Coronavírus, três notas de pesar de médicos do sindicato que atendo parte da comunicação digital, quinta cura na nossa família, vizinhos ao lado comemorando às gargalhadas a cura de dois moradores do apartamento, após duas semanas. Quase dois meses de isolamento social e esse passou a ser o novo normal. Esse é um relato do tempo: o que passou, o presente... O futuro? Bem, não me parece que vai ser diferente de agora, mas a verdade é que seu significado já mudou.

Tenho lido mensagens de relatos, olhado pela janela, navegando pela internet e descoberto o que as pessoas têm feito com o tempo e estou chegando à conclusão de que elas estão aprendendo. Primeiro, a o que fazer com o tempo, aprendendo que passar de seis a oito horas no trabalho poderia ser apenas quatro e o restante é enrolação para fazer valer a remuneração do dia, já que esforço, títulos e méritos não pagam as contas e nunca vão ser reconhecidos, mas o tempo, esse sim, foi há muito, bem mais importante que as pessoas que o valorizavam tanto.

Alguns estão aprendendo que uma organização só funciona porque pessoas estão ali para fazer as engrenagens funcionarem e não porque o tempo determina e, na verdade, quem aprendeu isso não gostou, preferia ficar sem saber a se importar com quem tinha seu tempo ocupado em função de algo que nem era delas, nem a organização e nem o tempo.

Há quem tenha filhos há pelo menos, dez anos e só agora os está conhecendo, ainda que dividam o mesmo teto. Para que? Tinha babá, tinha professora, avó que também mal conheceram os próprios filhos porque estão cuidando dos filhos de outros.

O tempo, mais do que qualquer valor, tem sua própria

contabilidade e quem soube perceber e lidar com isso teve poder, mas não se reinventou, no entanto, quem está aprendendo agora não procura mais contabilizar, mas o utiliza principalmente para aprender sobre si, sobre o outro e sobre uma nova profissão porque não estava valendo a pena entregar seu tempo a quem já tinha todo o tempo do mundo.

Tenho tido sorte de não fazer parte dos números de acometidos pelo coronavírus. Falo isso porque o tempo tem sido cruel com quem é alcançado, com quem está se arriscando a cada dia e é obrigado a sair para o trabalho, quem não sabe como fazer para receber o auxílio emergencial de Seiscentos Reais prometido pelo Governo Federal e para mim, o pior é aprender que para essas pessoas, virar mais um número é só uma questão de tempo. Mesmo com a sorte, ainda não consigo comemorar, pois ainda estou aprendendo que tem quem ignore o tempo e faça a opção de não aprender nada com ele. Azar o deles, para mim o tempo tem sido um ótimo professor.

Quanto ao meu tempo, tenho me dado ao luxo de me apropriar dele, mas também divido com ele minha propriedade as vezes. Nos momentos que meu humor oscila é quando divido o peso com o tempo. Ao ler uma notícia ruim a respeito da pandemia, deixo ele me ensinar que coisas boas não deixaram de acontecer e que novas notícias estão acontecendo porque agora as pessoas têm tempo de descobrir que poderiam fazer muito mais e que não faziam porque não tinham tempo para se dedicar a elas.

Eu gostaria de aprender muito mais com o meu tempo, tenho me esforçado para isso e espero manter esse aprendizado, mesmo depois que a pandemia passar, porque agora ele faz parte da família e, sinceramente, não quero dividi-lo com quem não se importa em aprender algo com ele e, acreditem ou não, ele não me cobra como sou cobrada no trabalho e ganho mais com ele que qualquer remuneração jamais pagou. Assim como uma página de diário, faço dessa narrativa um panorama de como tenho vivido, observado e aprendido com o meu tempo.

O PIOR INIMIGO DO BRASILEIRO É O ESTADO BRASILEIRO

Antônio Carlos de Castro Santos

No final de janeiro deste ano, começaram a aparecer os primeiros casos de COVID-19 no Brasil, porém eram casos isolados de pessoas que haviam viajado ao exterior; foram pessoas que visitaram a China, epicentro da doença, isto é, não chegaria aqui, pois ninguém viajava para a China com tanta frequência. “Não há razão para alarmismo” diziam os especialistas em achismo.

Mesmo assim, no início de fevereiro, o Congresso aprovou normas que regulamentavam a quarentena aos cidadãos que viessem da cidade de Wuhan, na China, e o Governo Brasileiro enviou duas aeronaves para repatriar os brasileiros que ainda estivessem no país oriental, os quais também deveriam cumprir quarentena, mas tudo indicava que era uma doença de pessoas que viajavam para o exterior e, mais uma vez, os especialistas em achismo, após muito estudo, categorizavam que “esse vírus não se criaria no Brasil porque aqui é quente”. Seus estudos apontavam que por questões climatológicas, um vírus que estava matando milhares de pessoas no mundo, não chegaria ao Brasil.

Começa a chamar atenção, mas só daqueles que assistem aos noticiários e procuram ler sobre o que está acontecendo no Brasil e no mundo que, paulatinamente, o Corona Vírus vai tomando conta dos jornais. Começaram com casos suspeitos em alguns estados, mas sem confirmação, o que só ocorreria em 25 de fevereiro; nesse mesmo período, a Itália se torna o novo foco de infecção, com registros altos de casos e mortes. Mas ficar sem Carnaval, não tem como, afinal de contas, o Brasil é o país do Carnaval.

Em março, a escalada no número de casos suspeitos e confirmados começa a adquirir força, com a confirmação de mais dois casos em São Paulo, mas como no dia 06, esse lentíssimo (Excelentíssimo) Presidente da República disse em seu pronunciamento que, “ainda que esse problema possa se agravar, não há motivo para pânico”. Essas sábias palavras deixaram, principalmente aqueles que votaram nesse senhor, ajudaram-no a elegê-lo, mais calmos; afinal de contas, quem está falando é o Bolsonaro, uma tragédia anunciada.

Em 20 de março, o número de casos da doença no Brasil chega a 904 e o de mortes, a 11; começam as articulações entre os governos estaduais e municipais em todo o país para flexibilizar as normas que engessam seus orçamentos e iniciam os decretos determinando a paralização das instituições públicas, de ensino e demais setores da iniciativa privada, para que as pessoas ficassem em suas casas e, dessa maneira, tentassem conter o ritmo de transmissão da doença; tudo isso é nada, pois, mais uma vez, no dia 24 de março, o Presidente da República, no uso de suas atribuições, fez um novo pronunciamento à nação brasileira, afirmando que era necessário conter “o pânico, a histeria” e atacou os meios de comunicação que, segundo o mandatário, “espalharam exatamente a sensação de pavor” ao anunciar os números de casos e mortos na Itália, “um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso”. Mas o cúmulo de sua arrogância foi afirmar que por seu histórico de atleta, “caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria se preocupar, nada sentiria, quando muito seria acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Se os fatos e os números de casos e vítimas do Brasil e do mundo são contundentes em afirmar que não se trata de uma “gripezinha ou resfriadinho”, por que o Presidente da República apostou no negacionismo e, quando não foi mais possível negar,

tratou a crise com menosprezo e admitiu tratar-se de uma conspiração da mídia? Porque o negacionismo é uma questão ideológica e há, pasmem, pessoas que esperam isso de um presidente: a omissão, quando deveria liderar, e a desmobilização do Estado e desarmonia entre os poderes, quando a União seria o melhor caminho; outro fato que explica a inoperância estatal é que os interesses envolvidos no desmantelamento do Estado Social e do Serviço Público, por pessoas ligadas ao governo, apoiadores, empresários e a mídia são muito grandes: a presença do Estado Social faz com que a rede privada, que oferece os mesmos serviços, torne-se inócua; se o SUS funcionar bem, para que pagar Planos de Saúde? Se estes e a rede hospitalar privada não existirem, quem pagará os comerciais?

O Auxílio Emergencial seria de R\$ 200,00, mas o Congresso triplicou esse valor. O discurso era de que não teria condições de pagar, sob pena de esvaziar os cofres públicos, mas os escândalos envolvendo o Queiroz que estava sumido na casa do advogado do Presidente, sem que ele e seu cliente soubessem, o risco de perder o mandato, caso a chapa pela qual se elegeu seja cassada pelo Tribunal Superior Eleitoral, os processos envolvendo o 01 (Senador Flávio Bolsonaro) e o próprio Presidente por tentar interferir politicamente na Polícia Federal, fizeram com que recursos brotassem e permitissem ao governo pagar mais duas parcelas de R\$ 200,00. Mesmo assim, ainda é mais barato do que aparelhar o Serviço Público porque o Auxílio Emergencial uma hora acaba e a dependência de ações populistas do governo continuará “ao longo dos séculos”.

Parece mentira, mas não era, infelizmente, e no dia 1º de abril o Ministério da Saúde registrou 6.836 casos. No mês de abril, houve o endurecimento das normas de isolamento social, a máscara deixou de ser recomendada e passou a ser obrigatória, iniciou uma verdadeira guerra entre estados e países

para a compra de respiradores mecânicos para as Unidades de Terapia Intensiva (UTI), as quais, segundo o mandatário do Brasil, estavam lotadas de CNPJ's (Metáfora para se referir a empresas).

No dia em que a primeira morte por coronavírus completava um mês, o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, foi exonerado para que o médico e empresário Nelson Teich assumisse e comandasse a pasta, tornasse o uso da cloroquina um protocolo do Sistema único de Saúde (SUS) e incentivasse a volta das atividades, o que não aconteceu, culminando em seu pedido de demissão em 15 de maio, para preservar sua biografia e bibliografia, pois já tinha artigos anteriores que defendiam o distanciamento social. Em 29 de abril, populares que buscavam atendimento e informações sobre familiares internados no Hospital Regional Abelardo Santos, em Belém, derrubaram o portão e invadiram as dependências da unidade de saúde.

Em 3 de maio, o número de casos ascendeu a mais de cem mil, resultado de uma duplicação ocorrida em apenas 10 dias. No dia 5 de maio, o governador do Pará, em razão do crescimento do número de casos e mortes no estado, decretou o funcionamento apenas de serviços essenciais; nesse mesmo dia, o Brasil alcançou um novo recorde no número de vítimas em 24 horas: 600, o que o fez superar a China e todos esperavam do Capitão uma resposta sensata e de tranquilidade para a população, ele se limitou a dizer: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre". Ora, Presidente, queremos que o senhor comece a governar, pois é pra isso que o senhor foi eleito e recebe.

O decreto do enrijecimento das normas de isolamento no Pará, fez surgir uma nova preocupação: E o Dia das Mães? E se nos pararem? É justo alegarmos que iremos visitar a pessoa mais importante de nossas vidas ou pagaremos multas por querer

estar ao seu lado? Não falo de presente, mas de presença. Que não possamos comprar um presente, tudo bem, mas não poder estar em sua presença, tudo mal.

Em meio a uma guerra de narrativas entre os que defendem a qualquer custo (benefícios financeiros em suas redes sociais com o dinheiro do governo, cargos facilitados às entranhas do poder, entre outros) por pessoas que se auto intitulam Bolsonaristas e a razão estampada nos meios de comunicação em números que desnudam o despreparo dos governantes brasileiros que, mais uma vez, aproveitam-se das facilidades para a aquisição de materiais para combater a COVID-19 sem precisar de licitação, e escondem dinheiros em caixas térmicas, julgam o momento propício para “ir passando a boiada” ou “prender esse bando de vagabundos, começando pelo STF”.

Infelizmente, o Corona Vírus é um mal que afeta o mundo todo, com alto poder de letalidade e, o que é pior, invisível. Porém, em outros países, seus cidadãos têm apenas esse inimigo e podem contar com a visita de seus mandatários a hospitais e, o mais relevante, atitudes responsáveis que se baseiam em dados verdadeiros. Já os brasileiros, ademais desse inimigo invisível, têm de enfrentar os desmandos de seu governante que, a cada dia, fantasia outros adversários que, em seu entendimento, justificam suas atitudes.

Colocar a culpa na China por criar esse vírus ou a um certo Ministro da Educação, que “Wein” sem deixar saúde, o país oriental, no final, ainda vai lucrar com essa crise. Logo a China que, mesmo tendo passado o pior em seu solo, continua enviando respiradores, máscaras e médicos para outros países afetados, inclusive da Europa. Tudo isso porque julgam que esconder-se atrás de um circus pueril, que se baseia em argumentos risíveis, mas que são aplaudidos por alguns, é mais digno do que dizer: “Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa!”

E aí vem o sentimento de desalento, a desesperança de que nada vai mudar porque o chefe do Executivo recria Ministérios e distribui cargos para políticos que lhe assegurem apoio e a certeza de que não sofrerá Processo de Impedimento; a criação de interpretações da Constituição Federal, como a do Art. 142, faz com que seus seguidores acreditem que as Forças Armadas são uma espécie de Poder Moderador e que uma Intervenção Militar é questão de tempo, já que a corda não deve ser esticada, pois, na hierarquia militar, ele não passa de capitão e, todas as vezes que os militares estiveram no poder na História do Brasil, quem presidiu foi um Marechal ou um General. Mas, ele pode fazer isso? Em tese, não, uma vez que assinou, em sua diplomação, um documento se comprometendo a cumprir a Constituição, mas, como na prática a teoria é outra... O que ele fala não se escreve, mas se escrever, não leva a sério.

SER NEGRA

Camila Bastos Lopes da Silva

Amanheceu e o choro estridente de Aisha desperta-me com força. Toda a minha família reside em Moçambique, mas há oito anos minha mãe, meus filhos e eu, vivemos no Rio de Janeiro. Minha genitora tem me dado força pra encarar o fato de eu ser uma mãe solteira. Isso é vergonhoso em minha comunidade localizada no Sul de Moçambique. Recordo-me que em minha infância, ouvi boatos de uma mulher considerada maldita porque era estéril e seu marido a havia abandonado. Muitos a culpavam, outros até a temiam. A consideravam, por vezes, uma nyanga. Essa história perturbou meus pensamentos por muitos anos. Jamais poderia voltar para a minha aldeia como mãe solteira. O que iriam pensar de mim?? O nome Aisha significa “ela é vida”. Aisha nasceu de um parto de risco. Quase a perdi. Nasceu de sete meses. Era uma miúda de olhos arregalados. Descobri que ela seria a minha vida, uma das maiores razões de meu existir, por isso a escolha do nome.

Me chamo Ada, cujo significado é “nascida primeiro”. Sou a primogênita de sete irmãos. Apesar de haver nascido primeiro, sentia que meu irmão, dois anos mais novo que eu, possuía mais privilégios. Acho que pelo fato de ser homem. Isso sempre me indignou. Recordo-me de meu casamento. Foi um casamento arranjado, fui lobolada por cinco vacas. Quatro anos depois, fugi desesperada. Ele me espancava. Busquei uma nova vida no Brasil, no morro Açude. Trouxe comigo minha mãe e um filho do primeiro casamento que se chama Amani, cujo significado é “pacífico”. Meu filho realmente faz jus ao nome. Foi ele quem levantou a mão quando meu segundo esposo “Jeremias” quis

me bater. Jeremias é pai de Aisha, no início era tão amoroso, sempre me presentava. Certo dia chegou em casa com um anel de diamantes. Não entendia como conseguia tanto dinheiro, era um simples vendedor. Um dia notei uns pacotes escondidos em algumas gavetas do quarto. Jeremias está preso.

Trinta dias de isolamento e essa é apenas uma parte da história da minha vida. Recordo-me dos contos de meu avô Asad. Ele era um exímio contador de história. Se estivesse vivo agora, certamente nos presentearia com suas histórias que geram vidas. Recordo-me que vovô viveu até os 107 anos, apesar de morarmos em uma região pobre. Vovô carregava consigo a força dos ancestrais. Relembro de seu rosto, negro como a noite do céu. Sua força rememora o significado de seu nome: “leão”. Quando criança, vovô me deu um pente. Disse que era mágico. Afirmou que o pente era um símbolo de rainha. Carrego até hoje esse símbolo, pois, as vezes, quando me olho no espelho, não enxergo essa rainha em mim. Será que o racismo tão vivenciado aqui no Brasil cegou meus olhos? Descobri esse mal ao chegar no Rio de Janeiro. Certo dia, fui ao supermercado e o segurança não parava de me seguir, notei que perseguia apenas a mim, enquanto outras pessoas de pele branca faziam compras tranquilamente. Senti saudades da minha terra!

Vivemos “tempos africanos do mundo”, disse Severino Ngoenha, reitor de uma universidade de Moçambique. Essas palavras ficaram gravadas em meus pensamentos. Por que são tempos africanos? Tempos de coronavírus são tempos africanos do mundo porque são momentos de confinamento, de “hospitais sem medicamento”, “tempos de morte à espreita” e de desemprego crescente. Esses são alguns legados da colonização. Uma realidade vivida todos os dias por milhões de africanos. Será que estamos pagando o preço pela ganância? São tempos africanos do mundo, momentos que devemos proteger os mais

velhos. Realmente, em meu país é assim, ainda prevalece o respeito aos mais velhos. Notei que as palavras do reitor faziam todo o sentido.

Por que então, ao olhar o noticiário da televisão, observamos um negro sendo asfixiado por um policial? Onde está a justiça no mundo? Notei que realmente o racismo está presente, aquele homem asfixiado tem a mesma tonalidade de pele que eu! Sua morte por asfixia relembra os séculos de silenciamento instituído a negras e negros. São tempos africanos mesmo, pois quem morre por asfixia ainda é, em sua grande maioria, negro, seja a morte em decorrência da doença ou provocada. Estamos confinados em uma imensa casa grande, somos eternamente senzala! Até quando?

Observo muitas mortes aqui no morro, são grandes aglomerados de famílias e pouca prevenção. Há falta de água, como poderemos lavar nossas mãos? A necessidade me levou a trabalhar em uma casa de família. Todos os dias vou de máscara e uso álcool em gel nas mãos. Minha Aisha fica no colo da mamãe. Sempre, ao me despedir da minha filha, uma lágrima cai dos meus olhos; são prantos de quem não sabe se conseguirá retornar para casa. Quando viveremos o verdadeiro Ubuntu? Será apenas uma ilusão? Relembro que em minha aldeia, apesar das dificuldades, tentamos viver em partilha, em comunidade.

No espelho da casa da minha patroa, olho atentamente para meu rosto. Prantos voltam a inundar a minha pele. Relembro que deixei Aisha em casa. Saudades da minha bebê. Rememoro os beijos de Jeremias. Recordo-me do abraço do vovô e da proteção de minha comunidade. Sinto saudades. Deusa, minha patroa, pergunta-me: “O que aconteceu, Ada”? Finjo que está tudo bem. Continuo meu trabalho. Avisto na parede uma imagem curiosa: uma santa segurando um bebê no colo, ela é branca! Engraçado, por que não há nenhuma imagem de

santo negro nessa parede, se todos os meus deuses e deusas são negros? Será o racismo tão discutido no Ocidente?

Observo que não posso comer na mesma mesa que meus patrões e que meu filho não pode me visitar quando estou aqui. Observo tanto distanciamento. Será que nem mesmo em época de pandemia conseguimos superar as barreiras e perceber que somos todos partes de uma grande família? Talvez não!

Ao retornar para casa, um homem persegue-me na rua. Saio correndo assustada. A rua está deserta. Em tempos de pandemia, as noites são silenciosas. Ele me persegue. Toca meu corpo, chama-me de vadia. Violenta-me!

Retorno para a casa devastada. Por que ninguém me ajudou? Será que ninguém viu? A dúvida me atormenta. Recordo-me da palavra vadia quando um homem, logo quando cheguei no Brasil, me chamou assim quando resolvi usar calça comprida. Me senti tão bonita. Consegui visualizar minhas curvas. Soltei meus cabelos black, logo ouvir a palavra “Bombрил”. De início não compreendi. Era o racismo assolando a minha vida mais uma vez.

Chego em casa sangrando, há muito sangue e pus entre minhas pernas e vagina. Há muita dor, “marcas lembranças de um chicote traiçoeiro”, como afirma Conceição Evaristo. Dor-ódio da mulher negra. Por que insistem em violar meu corpo?

Meus filhos e minha mãe já estão dormindo. Amanhã será mais um dia de trabalho. Vidas negras importam?

ETERNIDADE

Camila Bastos Lopes da Silva

Em tempos de coronavírus, falar sobre a morte tornou-se assunto rotineiro, notícia diária de jornal. Isso nos leva a refletir sobre a eternidade. Há rios dentro dos olhos de tantas crianças que sobreviveram a essa doença. Olhos plácidos e esperançosos! Penso que Deus se esconde por trás dos olhos de um recém-nascido e através dele a força e a esperança de um novo amanhã se reacendem. Hoje, ao refletir sobre a vida, após horas de leitura, pensei na palavra “eternidade”. O que é a eternidade? Será a eternidade dos versos de Drummond? Penso que o amor que irradia em minha alma é eterno. Sim! “Ele palpita eternamente”¹. Para mim, eterna é a memória de beijos incendiários. Beijos de ignição. Hoje sou naufraga do destino, caminhante duvidosa, ave! Recordo-me dos longos abraços noturnos de José, abraços fogosos. Durante a quarentena, enquanto me deitava em minha cama fria, os olhos de José me encontraram em sonhos. Ele estava voltando! Foram três noites de sonhos repetidos. Sim, José estava retornando para casa. E ele retornou. Momentaneamente, mas retornou. Ao pensar em eternidade, lembro que eterna é a fração de minuto de um orgasmo. Orgasmo com sabor ácido. Quem me dera ter noites eternas assim. Mas a eternidade é passageira, assim como todas as coisas da vida. José encontrou o caminho de casa porque após longas jornadas lembrou que sempre fui a sua segurança. A verdade é que o covid-19 também traz à tona lembranças, delírios e divagações. José sempre foi o meu delírio. Meu delírio dos tempos de ensino médio. Ele, alto e magro, desvairou-me

¹ Extrato do poema “Eterno” de Carlos Drummond de Andrade.

no primeiro olhar. Foi amor à primeira vista. Nunca olvidei o primeiro beijo, tinha gosto de menta misturada levemente com cigarro. Seu beijo resguardava a minha dor, era acolhimento, esconderijo. Com ele vivenciei o primeiro e único amor, aquele amor que embaraça o estômago e embriaga os sentidos, um amor vigoroso e tempestuoso, “fogo que arde sem se ver”. José novamente tornou-se meu refúgio, ele voltou para casa! Será que se arrependeu de haver me abandonado? Quarentena também é época de arrependimento, tempo em que maridos recordam que têm família, tempo de convivência!

José voltou para casa quando a morte assolou as madrugadas. Não havia mais casas noturnas abertas, nem bares, sentia falta da noitada, por isso resolveu abrigar-se no único lugar de plena confiança: nosso lar. Quando José apareceu, minhas pernas tremeram, faltou-me o ar, meus olhos em prantos se fixaram nele. Não podia acreditar! Meu único amor está de volta, não mais com o mesmo corpo esbelto, mas mesmo assim em meus olhos ele continuava sendo o mesmo José dos tempos de escola. Durante três meses, vivi a eternidade novamente. Seu ósculo quente acolhia as estrelas do céu. Corri para abraçá-lo. Logo, o tremor suave de meus membros amorteceu, fui entorpecida, a flor desabrochou. Como posso ser plena em tempos de tanta dor? Meu Deus, o que está havendo comigo? Enquanto nos noticiários havia dor, José e eu nos refugiávamos em abraços, chás e chocolates. Em tempos de dor deglutimos a vida a dois, chamegos de adolescentes, transcendência incontida. Criamos para nós dois um espaço de utopia, uma barreira de proteção contra o medo de morrer. Criamos a eternidade.

Certa manhã, enquanto José saiu para o supermercado, refleti sobre tantas mortes. Seria a vida uma morte diária? Estariam essas pessoas predestinadas a morrer? Mas existe essa tal predestinação? Lembrei que para os mexicanos, a morte é

também motivo de festa. Será que Santa Muerte resolveu pactuar com Deus para levar tantos mortos para o céu? Lembrei que as doenças, em muitas culturas, denotam a fúria dos deuses e dos antepassados contra a injustiça humana. Quantas dívidas mais teremos que pagar até que o vírus seja extinto? Lembrei das grande mães, as "la Mi". Pedi que todas as deusas mães, nesse momento, nos colocassem no colo e lembrassem para Deus que somos filhos, talvez filhos desobedientes, mas somos seus filhos...

Mentalizei Maria abraçando lemanjá. Ela abraçava orixás, deuses, seres da natureza, convocando-os a não desistirem da humanidade. Dos meus olhos os prantos caíram, prantos de mulher, mulher-sangue-seiva, recordei-me do quanto sou forte, pois no meu ventre existe vida, assim como há vida em todas mulheres. Contemplei meu rosto no espelho, notei que os anos se passaram, meu corpo mudou, consigo enxergar as marcas de expressão, não sou mais aquela menina do ensino médio. Será que José notou que também envelheci?

De repente José ressurgue na porta. Fez compras. Meus devaneios cessam, é hora de me inundar.

Por minutos vivenciei a realidade, mas ao contemplar José, regresssei para a utopia.

Voltamos a nos beijar, jogamo-nos no chão da sala. Estava frio, mas a brasa ardente de nossos corpos mal reconheceu o desconforto do chão úmido. Através de José naveguei em rios profundos, rios de ilusão. Encontrei o paraíso escondido nas brechas do caos. Novamente voltei a esquecer-me do coronavírus.

Foram três meses. Apenas três meses. Tempo suficiente para que tudo fosse reaberto: bares, shoppings e casas noturnas. Foi assim que em dada manhã, ao abrir os olhos, José já havia partido. Levou consigo minha embriaguez, retornei para a

solidão. Lembrei que o tempo não volta e que ilusões também são construídas para nos refugiarmos da dor. Assisti ao noticiário. São tantos mortos! Lembrei que eu também estava morta, talvez uma morte diferente, uma morte escondida por detrás de uma ilusão. Novos tempos surgem....



APROVEITANDO A QUARENTENA PARA EVOLUIR

Carla Regina Santos Paes

Eu tinha marcado mil e um compromissos para 2020: eram aulas, cursos, grupos de pesquisas, reuniões com professores, orientações, estágios, enfim, queria de qualquer maneira deixar preenchido ao máximo todos os meus dias, horas, minutos e até segundos para não pensar nas coisas negativas que vinham acontecendo desde 2018 e que causaram uma grande reviravolta na minha vida: incompatibilidade nos horários de trabalho e estudo, a direção da escola em que eu trabalhava e que não ajudava em nada para que eu pudesse frequentar as aulas e trabalhar, meu marido que não aceitava o fato de eu ter conseguido passar no mestrado e queria que eu desistisse, mas como não obtive seu intento, pediu nossa separação. Com tantos fatos, minha filha Alice que só tem seis anos, minha mãe Carmen e eu estávamos sofrendo muito com todos esses acontecimentos e, vendo-as padecerem junto comigo, não aguentei tanta pressão e desgosto e adoeci profundamente.

Durante o ano de 2019, precisei cumprir os prazos que eu tinha para terminar e defender a dissertação do mestrado que já estava acabando, mas também, preparei o projeto para participar da seleção para o doutorado. Mesmo com todos esses problemas e uma total falta de ânimo que tinham se instalado, afinal, eram onze anos de casamento indo pelo ralo, consegui terminar meu mestrado, passei no processo seletivo para o doutorado, minha licença curso acabou e voltei a trabalhar numa escola muito boa, em que a diretora é humana, enfim, várias coisas ainda estavam acontecendo em um relativo curto espaço de tempo e eu ficava tentando me readaptar, administrar essas tantas novas rotinas e circunstâncias.

A quarentena pegou-me de surpresa, pois saí do trabalho para ir para minha primeira aula do doutorado numa segunda-feira, e no dia seguinte, não pude mais sair de casa. As aulas foram suspensas e a escola fechada; eu que estava muito doente e sem a mínima vontade para nada, precisava muito ficar em casa para não correr o risco de pegar o Covid-19, pois tinha que proteger duas pessoas que amo, que moram, que dependem de mim e que fazem parte do grupo de risco: minha mãe Carmen que já é idosa e Alice que é cardiopata.

Fiquei muito assustada ao acompanhar os noticiários e ver a velocidade com que a doença estava avançando, era tudo muito veloz! Ao mesmo tempo, preocupada pelas duas, sentindo muito medo do que poderia acontecer, caso ficassem doentes. Todavia, ao mesmo tempo, via na situação a oportunidade de colocar em dia todos os meus trabalhos e cursos os quais estava inscrita. Comecei a estudar, ler, escrever que nem uma enlouquecida, com receio da quarentena acabar de repente e eu ter que voltar ao trabalho sem ter terminado tudo o que havia para fazer.

Ao mesmo tempo, tive que começar a limpar e organizar minha casa, já que, em dada circunstância, a diarista não poderia mais vir cuidar da faxina pesada, nem eu, obviamente, ia submeter a mamãe a realizar trabalhos caseiros pesados, embora ela sempre esteja se prontificando a ajudar. Por conseguinte: casa, cozinha e estudos são tarefas distintas e bastante cansativas. Confesso que ter que me dividir entre elas até agora não tem sido uma missão muito fácil.

Porém, os dias foram passando, o vírus foi cada vez mais se alastrando, eu ficando morta de cansada de tanto fazer trabalhos domésticos, muito ansiosa e preocupada de, repentinamente, não conseguir dar conta de tanta coisa para ler e escrever, de não cumprir os prazos de entrega das atividades propostas. Ao mesmo tempo, comecei a observar que embora estivesse tendo a

oportunidade de estar em casa com meus dois amores – aquelas que eram a única razão de eu ainda estar em pé – não estava aproveitando quase nada da companhia delas. Pensei bem no que estava fazendo comigo, com a minha vida e com tudo e todos que me cercavam. Resolvi fazer uma listagem na minha agenda colocando em ordem de prioridades tarefas que eu precisava cumprir e resolvi... Mudar!

Percebi que tudo o que estava acontecendo ao meu redor tinha um lado maravilhoso que eu não estava enxergando. Pouco antes de entrar em quarentena, tinha começado a fazer um tratamento com meu Pai de Santo, isto é, Deus e meus Orixás estavam dando uma grande chance para eu começar de novo, para me cuidar, para tratar e curar tantas feridas abertas, tensões, tristezas, angústias, sensação de incapacidade e fracasso, vergonha, palavras e choros engolidos. Enfim, infinitas emoções que na grande maioria das vezes não eram reveladas a ninguém, muito menos comentadas, nem mesmo para o melhor amigo e que no fundo estavam me fazendo muito mal. Eu estava completamente contaminada com um vírus, não era o Covid-19, mas era um vírus que silenciosamente estava me consumindo.

Imediatamente resolvi começar a dedicar mais tempo para as “minhas meninas”, a cuidar um pouquinho mais de mim (tanto do meu corpo quanto da minha mente), e também, dos santos que cultuo e tanto amo, a fazer mais orações, meditações, reflexões, enfim, decidi reservar e ocupar uma parte dos meus dias a fim de tratar mais o meu lado mental e espiritual que, devido à loucura em que estava vivendo nesses últimos tempos, estavam bem jogados às baratas.

Você, leitor, não imagina o quanto tudo o que estou dizendo que comecei a praticar foi me ajudando a “sair do buraco”, a sentir-me melhor, mais calma, mais tranquila, mais feliz. Dar um tempo naquela loucura toda, pensar e refletir sobre

tudo o que aconteceu, conectar-me diretamente com todas as entidades em que acredito através das minhas preces, ler livros, assistir vídeos sobre religiosidade, tudo isso me ajudou a limpar a mim mesma e ao ambiente que me cerca. Hoje, depois de mais de 40 dias de isolamento, posso afirmar que: minha casa, minhas meninas e eu estamos em paz. Estamos mais leves, mais alegres, mais vivas – curadas!

Sei que muitas pessoas, ao lerem isso, acharão estranho alguém estar se sentindo bem e feliz numa situação de pandemia como essa com tantas pessoas doentes e morrendo por causa do vírus. Talvez até achem que preciso de um psiquiatra porque devo ter endoidado de vez, mas a verdade é que resolvi aproveitar esse momento para ministrar em mim mesma tudo o que conheço a respeito das devoções que possuo, mas que por pura falta de tempo, nunca realizava completamente e/ou com tanta dedicação. Porque, se bem pensarmos, ninguém que esteja doente ou morrendo pode ajudar sequer outra pessoa. Como eu, cheia de “mazelas”, poderia ajudar a curar feridas e problemas alheios?

Dizem que Deus fala: “faz por ti que eu te ajudarei”. Acredito que essa seja uma frase verdadeira, pois a partir do momento que resolvi fazer por mim o que já sabia e até ensinava para os outros – a ver a atual conjuntura com outros olhos – as coisas realmente mudaram. Não é que a pandemia acabou, ou o marido voltou, o casamento foi reatado ou os problemas acabaram, não é isso, tudo continua aqui mesmo. Porém, o que mudou foi a minha visão de mundo, foi a minha fé que se renovou, as minhas expectativas se fortaleceram. Os problemas e as dificuldades sempre existirão, todavia, quando temos o pensamento positivo e esperançoso, a realidade toda muda. O que eu fiz, na verdade, foi parar de enxergar e alimentar a tristeza e o sofrimento e ver que a vida continua, que está aí para ser

(bem) vivida. Parece bobagem falar isso, mas quando estamos fechados em uma dificuldade, não enxergamos que há sempre outros caminhos e alternativas.

Ainda tenho muitas coisas para fazer, para ler, para escrever, para estudar, contudo, agora não uso mais um milhão de atividades para esquecer minhas aflições, meus obstáculos. Mantenho os olhos na agenda e as atividades em dia, contudo, tendo em mente que com calma devo resolver “um assunto de cada vez” como deve ser, dividindo o tempo de forma mais coerente, nunca esquecendo de rezar e agradecer, mas, principalmente, aproveitando para estar mais presente, acarinhando e cuidando das pessoas mais importantes da minha vida: minha mãe, minha filha e claro, sem esquecer de mim mesma!



NARRATIVA DO COTIDIANO EM MEIO À PANDEMIA

Carolina de Sousa Franco Santos

Resiliência devastada, perda, medo, angústia, não há adjetivos que perpassam minha existência neste momento para de fato definir o que estou sentindo, mas a Fé em Deus é nossa fortaleza em comum.

Em meio a tantas coisas que já vivi, talvez esta seja a mais complexa, tento não me abalar e nem demonstrar este sentimento aos que me cercam, pois preciso sair alguns dias para trabalhar e talvez isso me amedronte, mas sei que o trabalho também é necessário e preciso fazer isso.

Enfim, palavras me faltam, não sei onde consigo encontrar forças para estudar, para trabalhar, tudo que tenho feito é pelo “piloto automático”. O presente texto, fiz várias vezes, era como se começasse a escrever e descartasse a folha de papel e, assim, minha lixeira ficou lotada de papéis descartados, pois mais uma vez palavras me faltam.

No início de todo esse isolamento, acredito que tenha sido mais fácil, trabalhei normalmente até o dia 27/03, após este dia iniciei uma fase de adaptação, o tão falado trabalho remoto e, como disse, foi tranquilo, uma adaptação em meio ao acalanto, afinal, não seria necessário ficar próximo de muitas pessoas, poderia otimizar melhor meu tempo entre o labor e os afazeres domésticos. Mas não foi bem assim....

Hoje, a TV e seus noticiários me assustam, evito determinados canais da TV, evito conversar sobre o assunto, mas ao mesmo tempo, vejo que não posso me isolar completamente das notícias, dormir com uma quantidade de mortos e acordar com o dobro, o triplo, ou sei lá quantas novas mortes, além

dos inúmeros casos confirmados. Dados apresentados que nos deixam com o psicológico abalado.

Tenho prima, tia, sobrinho que atuam na linha de frente e as notícias que nos apresentam são sempre péssimas, e isso, acredito, pode até potencializar nossos sentimentos, visto que a mente humana é tão complexa que nem sei o que pensar.....

Perdi um parente na última terça, dia 28/04, havia dado entrada na quinta e dias depois partiu; vocês não têm ideia do que é participar deste momento, e vejam que ele faleceu em um hospital particular, foi enterrado em um cemitério particular, mas ainda assim tudo foi difícil.... O enterro previsto para sair às 13h do hospital rumo ao cemitério, saiu apenas às 15h. Ficamos todos em nossos respectivos carros, eram em torno de 7 veículos, todos com lotação máxima para que pudéssemos acompanhar o cortejo fúnebre de nosso parente. Ao chegar no cemitério os carros ficaram em volta do local que ocorrera seu sepultamento e apenas 5 pessoas puderam ficar próximas do caixão.....

Naquele momento uma avalanche de sentimentos e reflexão tomou conta de mim.... Nunca me senti à vontade no cemitério, acho que não sou a única.... Presenciei funcionários do cemitério sem roupas adequadas; os que aparecem na TV realizando sepultamentos com roupas recomendadas pela ANVISA e demais órgãos, não faziam parte daquele cenário, havia apenas homens com vestimentas normais no cemitério; o máximo que usavam eram capas de chuva, como se isso fosse impedir algum contato com o vírus. As máscaras de uso obrigatório e comum a todos, não eram vistas nesses trabalhadores, muito menos as luvas para ajudar na manipulação de suas atividades laborais... Eu precisava falar sobre isso, pois eles fazem parte da linha de frente também e são bastante vulneráveis, e muitas vezes esquecidos!!!!

Pois bem, é chegada a hora, meu parente precisou ser

levado a sua última morada. Pensamentos vagavam. Meu Deus, por que um homem tão jovem? Por que um pai de família, um avô sem igual? Por que, Deus, vamos ficar sem sua alegria? Eram tantos porquês, que as respostas não chegaram até o presente momento. Hoje faz 7 dias de sua partida, meu marido, ainda inconsolado com sua perda, se tornou amargurado. Minha cunhada ficou “sem chão”, seus filhos, idem. Esse fato deixou sua mãe sem entender por que teve que ser assim, afinal a lei natural da vida é um filho enterrar seus pais....

Tento achar respostas, também, mas desisti, pois a única resposta que encontro é que Deus tem um propósito, ele nunca nos dá uma cruz maior do que podemos carregar, então, com fé em Deus, sigo acreditando que houve um porquê e que um dia iremos compreender os motivos.

Após essa avalanche de sentimentos em meio a uma perda, receber a notícia de que tens uma prima e uma tia com COVID-19 que não saíam de casa para nada, apenas iam na portaria do prédio receber delivery, me fez aumentar o medo do invisível.

Preciso ir ao supermercado, mas o medo me ronda. Tive notícia de que um colega de trabalho está com o vírus, anteriormente havia entrado em contato com ele. Então começo a fazer minha quarentena...

Quando estou no meio do caminho, recebo a notícia de que outro colega que havia tido contato foi positivado e lá eu começo a contar tudo novamente.... E assim vamos vivendo em meio a números por todos os lados, mas mesmo diante de fatos tão complexos, acredito que também precisamos ter consciência de muitas coisas. Talvez, de todas as narrativas, a minha seja a única a favor do isolamento vertical, pois existem vidas que também podem ser dilaceradas por conta de fatores aleatórios ao COVID-19.

Penso que políticas públicas deveriam ser feitas, não apenas recomendações no papel, pois, infelizmente, na prática, sabemos que não é desta forma, a exemplo disso temos a obrigatoriedade do uso de máscaras, porém nem todos fazem seu uso. Outro ponto seria o uso de ônibus: andar apenas com uma pessoa por banco e não ter pessoas em pé, enfim, tantas coisas poderiam ser realizadas, mas sabemos que, na prática, tudo cai por terra.

Me veio então a vaga lembrança da copa do mundo e das olimpíadas onde foram “investidos” milhões e hoje muitos se lamentam nas redes sociais, pois hospitais deveriam ter sido construídos. Isso só mostra o quanto nossos políticos são egoístas. Não estou falando de partido político, até porque comentei em uma aula e percebi que fui interpretada de forma errada por um docente ao dizer que anulo meu voto, infelizmente o docente virou para mim e disse: “Se você anulou, você votou no Bolsonaro”.

Ter que ouvir isso foi um soco no estômago, a partir daí, percebi que, de fato, as pessoas estão vivendo uma divisão política ao invés de viverem em união. Eu realmente não sou de direita, nem de esquerda, mas acho que um canal televisivo teve razão quando afirmou que atualmente temos dois lados, “os que são contra o isolamento social são todos de direita, a favor do presidente, já os que são a favor do isolamento social são de esquerda, contra o presidente”. Isso me deixa profundamente triste, pois, conforme mencionei anteriormente, sou a favor do isolamento vertical por motivos econômicos, mas não tenho partido político, apenas entendo que necessitamos de políticas públicas que nos ajudem a sair desse abismo o qual estamos inseridos.

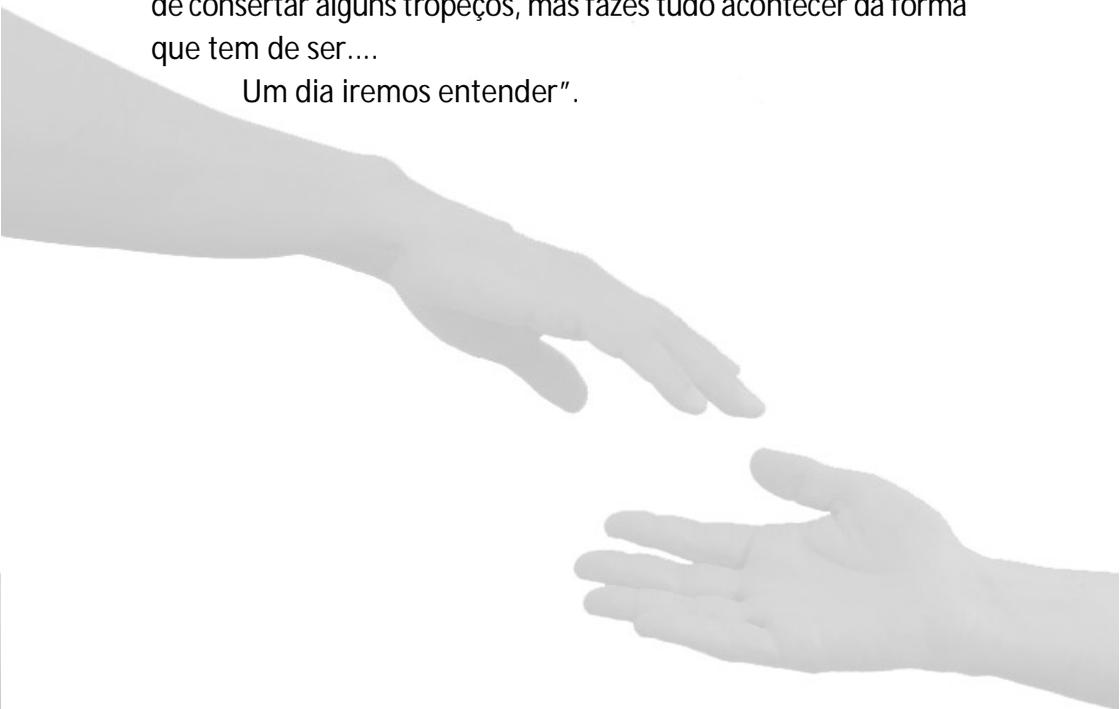
E assim finalizo minha narrativa com um texto que meus sentimentos acabam falando em meio às entrelinhas:

“Vida e suas histórias mal traçadas, com linhas tortas, curvas sinuosas...

Aí a vida como é e porque é assim....

É vida, é Cheia de surpresas e às vezes nem temos tempo de consertar alguns tropeços, mas fazes tudo acontecer da forma que tem de ser....

Um dia iremos entender”.





CONTA-DORES

Dalva Lima dos Santos

Quarenta e um dias de confinamento e sigo contando. Conto os dias, sem saber, afinal, quantos dias faltam. Antes, a celeridade dos acontecimentos nos impedia de fazer uma pausa e observar o que estava a nossa volta, tão próximo.

E o *carpe diem* tatuado em muitas peles, sinônimo de “aproveite o momento”. Aproveitávamos? Vivíamos? Diante da condenação ao isolamento, percebi o óbvio: não.

Tantos “depois”: “depois eu vou”, “depois eu faço”, “depois vejo”, “depois eu viajo”, “quando eu tiver tempo”. Tenho o tempo que tanto queria, mas não tenho o depois. O depois não chegou de mãos dadas com o tempo que eu precisava. O “depois” continua o que sempre foi: uma marca temporal, um período indeterminado. A diferença? O isolamento (marco determinante). O “quando eu tiver tempo” tornou-se o “depois do isolamento”. Terei tempo para tantos depois que fui acumulando ao longo da vida? São reflexões do quadragésimo primeiro dia de isolamento.

Os primeiros dias são os mais difíceis. É o período de adaptação. A sensação era de que os dias não corriam, rastejavam-se. É a despressurização da vida acelerada para a vida morosa, até que se acostume ao silêncio dos corredores do prédio, do salão de festa, da churrasqueira, da piscina (tantas vezes olhei da minha sacada e pensei: “depois eu vou nadar”. Nunca fui!).

Após o décimo quinto dia, a constatação: adaptei-me a estar só, mas não à solidão. Esta não é aquele estar só na monotonia do meu quarto de leitura, buscando compreender um texto de Berman. Antes, é a solidão das incertezas. Haverá vida após a quarentena? Ou, que vida haverá após a quarentena?

A espera, que parece tão longe de acabar, me traz outra constatação difícil de engolir: eu trago em mim tantos vazios que agora lamento. Lamento o abraço que não dei, a carta que não enviei, o andar por entre as gentes, o riso que não provoquei. O medo foi, pouco a pouco, ocupando esses vazios: “por ali é perigoso”, “mas e se não gostar do que eu escrevi?”, “e se entender errado?”.

Atualmente, a frieza das telas de computadores e celulares é o véu que protege nossas vidas do medo lá de fora, do mundo real. Meus contatos humanos tornaram-se virtuais e, nessa monotonia da quarentena, tento cercar-me de vozes e imagens amigas para preencher o vazio deixado pelos abraços, pelo tocar o outro enquanto fala, tão típico do belenense.

A monotonia do isolamento é quebrada por lembranças tão antigas que antes eu não tinha tempo sequer para revivê-las. Em conversa com minha irmã mais nova, lembramo-nos de frases ditas e repetidas por nossa mãe; de passeios pelo jardim da minha avó (nomeei todas as plantas, apontando na sala de casa os seus lugares, como se ali estivessem); e me lembro do cercado de madeira feito à mão, pintado de cal amarela; de sentar à porta até a boca da noite. Lembranças que me levam para um lugar seguro onde o banho de alecrim, que minha avó tomava, era tiro-e-queda para qualquer mal-estar; e mastigar alho, livrava-nos de qualquer gripe.

Quadragésimo primeiro dia de quarentena: é de saudades, o isolamento.

“NÃO ERA UM SÁBADO QUALQUER”

Dalva Lima dos Santos

Sábado. Durante este isolamento, temos a impressão de que todos os dias são sábado. Mas nenhum sábado foi ou será como aquele.

As flores eram azuis, na entrada. As gentes se entreolhavam, meio que de soslaio. Não se cumprimentavam mais, nem mesmo com um aceno de cabeça. Era silencioso o caminho. O toque do sino, os dois toques do sino romperam o silêncio e anunciaram a entrada.

Um médico conhecido, uma sofrida dona de casa, uma moça que adorava passeios em carros de praça, são a indicação do caminho: em frente, à esquerda, à direita, à sombra da terceira mangueira. No caminho, fotos tão antigas, em preto e branco. Que histórias viveram? Que histórias contaram? Em que memória vivem? Fotos tão recentes, coloridas e não desbotadas, de pessoas tão jovens - e tão novas quanto elas - e de pessoas tão velhas quanto qualquer história que se lembrasse naquele sábado.

Um oficial da marinha ostentava seu imponente bigode, uma senhora trazia no rosto o sorriso de avós tão amadas. Mais adiante, um anjo ampara uma moça nos braços, um pássaro pouso próximo a um anjo-criança. No olhar, saudade. Quantas histórias por debaixo daqueles mármore e ornamentos de bronze!

Segue no caminho. No vento, o farfalhar das choronas e um leve perfume de jasmim, algumas pequeninas flores vermelhas destoam do branco e cinza e preto. A passos lentos, chorosos, doloridos, vozes abafadas pela pandemia buscam consolo: “mas é bem isso, não escolhe ninguém, nem dia, nem hora.” E vão-se indo.

As mãos seguram flores e álcool – outra imposição da pandemia. Lembro-me de minha mãe. Embebedo a mão no álcool, arrumo as flores. O silêncio chega junto conosco à sombra daquela frondosa mangueira. O vento para - em respeito? -, não há bem-te-vis, tão comuns naquela área, apenas o barulho da areia arranhando o mármore. O tempo parou!

Em absoluto silêncio, olho a foto do jovem casal no dia de suas bodas. Tão lindos! Olho para o lado, o mesmo casal, já envelhecido, mas ostentando os mesmos sorrisos. Lembro de minha mãe: “a velhice, minha filha, ela é ingrata: nos deixa feios e vulneráveis.” Velhos e vulneráveis... à solidão, à ingratidão, a um vírus.

Esta lembrança foi interrompida pela voz que dizia que, agora, era hora das flores. Aproximamo-nos. Olhei-as, e novamente uma das frases ditas pela minha mãe e que, quase sempre, têm razão moralizadora, me veio à boca: “as flores são bonitas demais para enfeitar a morte.” Nessa lembrança, hesitei. Era um sábado. Não era um sábado qualquer. Era o sábado da despedida daquele que ajudou no nosso caminhar por trinta e seis anos.

Lancei a rosa!

- Minha mãe, me desculpe, mas as flores não são para a morte. São para a vida que tive, graças a ele.

Eram azuis, as flores do portão da entrada, foram dois toques de sino anunciando o fim de uma história e abrindo a porta da memória. Ali jaz um pai.

SILÊNCIOS E RUÍDOS NA PANDEMIA

Danielle do Socorro Castro Moura

Começava o ano de 2020. Estava entusiasmada com o ingresso no doutorado, uma etapa importante e muito desejada na minha formação pessoal e profissional como psicóloga e docente. Aguardava então o início das aulas, seria o retorno como aluna em uma nova caminhada em busca de trocas e construções acadêmicas. Ao mesmo tempo, seguia a rotina de professora, entre planejamentos, reuniões, encontros com as turmas e ajustes habituais da profissão. Vivenciava os dois lugares: a expectativa de aprender e de ensinar.

No entanto, em poucas semanas, esses projetos foram suspensos. Uma inesperada pausa se deu. É verdade que estava ciente de que na Ásia e na Europa, pessoas em suas diferentes culturas e contextos já experimentavam um processo de adoecimento complexo, de significativo contágio e de impactos imprevisíveis decorrentes do “Novo Corona Vírus”.

As informações disponíveis para a compreensão desse cenário, por vezes, confundiam, pois, oscilavam entre o sensacionalismo, a racionalidade e a incredulidade. As narrativas midiáticas, por exemplo, fomentaram em grande parte um trailer sobre o vírus como uma “ameaça invisível”, uma contaminação generalizada, cuja a forma de evolução mais grave seria a morte dolorosa por asfixia. Dúvidas e medos fizeram a superlotação de hospitais e tornaram insuficientes os recursos humanos, materiais e suporte tecnológico para amplo e satisfatório atendimento dos doentes. O terror se espalhava lentamente em caminhões abarrotados de corpos das vítimas do “Covid 19”.

Na sequência, desdobramentos como a impossibilidade de elaborar saudavelmente as perdas: a perda da saúde, da

vida de quem se ama, a perda do trabalho e das condições de viver dignamente. Que luto experimentar frente a proibição dos rituais fúnebres de despedida e sepultamentos coletivos? Inseguranças e incertezas, entre outros, enredos de potencial dor e mobilização pessoal, estavam do outro lado da tela da TV, celular e do computador. Esse aceno da realidade chocava, mas “estava longe”... Na suposta “terra distante do outro” ou apenas fazia parte de um filme, que acabaria no ato de se desconectar da televisão ou da internet. Mas não foi assim.

Era certa a chegada da pandemia no Brasil e a disseminação ocorreu de forma veloz, em meio aos ruídos de disputas políticas, fraudes e corrupção. Metaforicamente, o “Corona vírus” como um agente patógeno, parecia também evidenciar todo um sistema de fragilidades e negações do homem em suas relações sociais. Além do “Covid”, o “humano vírus” se apresentaria como um estado destrutivo, de indiferença e descaso com a vida, na banalização da morte e do sofrimento de milhares de brasileiros também vitimados pela ineficiência do Estado no gerenciamento da crise.

“E daí?!” O cenário de caos na saúde, na economia e na política impôs à sociedade a tarefa de ter que administrar as perdas. Foi assim, por exemplo, que fui surpreendida por um e-mail/mensagem no elevador de que um vizinho havia falecido por Covid e que vários moradores poderiam estar contaminados, inclusive eu.

As precauções sanitárias, distanciamento social e isolamento não foram apenas medidas preventivas de biossegurança, eram também reflexos do medo. Como trabalhadora da área da saúde, com o perfil de grupo de risco, compreendia muito bem que estaria mais suscetível e que embora morando sozinha, precisaria também preservar minha pequena família, composta por idosas, um segmento de alta vulnerabilidade.

A quarentena foi essencial. A travessia desse período de 20 dias foi conturbada, marcada por “ruídos e silêncios” internos, com variações antagônicas de sentimentos e auto vigilância. Monitorava o surgimento de cada sintoma... A dor na cabeça era lancinante e resistia a ação dos analgésicos. Depois enjojo, perda de apetite e do paladar, febre baixa. Dores no corpo, uma fadiga tão intensa que precisava ficar quietinha, economizando a energia para num rompante conseguir um banho e voltar para a cama. No ápice da sensação de mal-estar, não encontrava mais posição para dormir, sentia muito desconforto e a exaustão me levou a cochilar sentada na cama, recostada na cabeceira.

Seguindo as recomendações médicas, o sinal de alerta para a hospitalização seria a falta de ar, elemento de uma possível evolução sombria. Graças a Deus ela não veio! Pairava a fantasia de que se saísse de casa para o hospital não retornaria. Ah, o medo da morte! E justamente pelo temor menti e omiti nos contatos telefônicos com a família a debilidade do meu estado clínico. Minimizei tanto que até para mim parecia (ou melhor, queria acreditar) que não era de muita importância ou de gravidade. Estava com medo. Vulnerabilidade e desamparo que apenas o socorro contido no diálogo honesto da oração pode aplacar.

Em outros momentos, as conversas virtuais com os amigos reforçavam laços de afeto e de identificações, o compartilhamento de angústias semelhantes, o apoio mútuo. E quantas reaproximações esse período favoreceu, reencontros e a formação de redes de solidariedade e cuidado recíproco.

Em situações de crise onde os limites da vida e da morte, da saúde e da doença, do indivíduo e da sociedade provocam impasses, é preciso revisitar-se e rever não apenas os sentidos atribuídos à própria existência, mas talvez refazer caminhos ou mesmo redefinir novos percursos e estradas plurais. Esse é um

dos ensinamentos que a pandemia provocou, a necessidade de revisão de valores e escolhas como um processo que, embora individual, é também determinante para o coletivo, para o que desejamos no futuro.



NOTA DE REPÚDIO SOBRE AS NOTAS DE PESAR OU APENAS MAIS UMA NOTA DE PESAR POR TODAS AS NOTAS DE REPÚDIO?

Diego Duarte Borges

Quando foi que expressar um sentimento se tornou tão distante do ato de sentir? Quando foi que nossa persona virtual se tornou tão impessoal? A falsa aproximação da internet nos deixou incapazes de viver um sentimento real? Ou só estamos confortáveis demais no ambiente virtual?

Notas de repúdio mascaram a nossa empatia em agir e rapidez em julgar, enquanto notas de pesar expõem nosso luto e a necessidade de se compartilhar o chorar.

A verdade que ninguém quer falar é que o luto engaja, a raiva viraliza e enquanto compartilhamos sentimentos ruins, tudo que é tóxico se normaliza. Seguimos perdendo o rumo tentando alcançar a “fada sensata”, criando e destruindo mitos, pois a internet é uma amante ingrata.

Viver querendo “lacrar” é uma ilusão que nunca dura, em busca da foto perfeita ou do próximo miserável que vai estar na sua moldura. “Perfeito e sem defeitos” não é algo para se invejar quando na vida basta tentar ser direito, sem precisar ter que postar.

Agir pelo bem é sempre melhor do que procurar alguém para refutar. Ao invés de fazer notas de repúdio, devíamos estar nos perguntando:

“Quem vai curtir nossa nota de pesar?”



“MINHA VIDA É MINHA HISTÓRIA”

Enilene Débora Leite Rodrigues

“O único valor que a história da minha vida pode ter é mostrar que, mesmo sem nenhum presente em particular, é possível superar obstáculos que parecem intransponíveis se alguém estiver disposto a enfrentar o fato de que deve ser superado.” - Eleanor Roosevelt

Acredito que ainda haverá muitos capítulos por vir nessa história de minha vida, mas o capítulo da “Pandemia” se abre como um acontecimento inusitado e inesperado. Crer na vida e querer saúde, sem pensar apenas como estarei financeiramente, passou a ser mais importante. Viver momentos com meus filhos, amigos e netos, que ainda nem tenho, mas que sonho ter no futuro, são meus desejos no presente.

Narrativas da história de minha vida nunca me pareceram importantes, Mas, de repente, tudo mudou e passei a entender o valor de cada momento e da importância de tê-los registrado.

São desafios permanentes e diários de uma “Pandemia” que se posiciona como um ator principal. Imaginava o século XXI; com suas espaçonaves e roupas de tecido que brilhavam como estrelas em sua época; comunicação em massa seria consolidada com novas formas inteligentes de interagir. Será que ainda vamos nos tele transportar? E os novos celulares serão com hologramas na tela? Sim, eu vejo a cada dia o futuro tecnológico em crescimento e graças a esse avanço, conseguimos hoje estar juntos dos que amamos e dos que fazem parte de nossa rotina diária.

O que estamos enfrentando não é o fim do mundo, mas o começo de um “Novo Mundo”. Andar descalço na grama, sentir

o cheiro das flores, ouvir o barulho do mar passou a ter uma importância ímpar. Espero que já esteja próximo do fim de tudo isso para se viver um novo começo.

O isolamento social nos faz refletir, ser mais sensíveis e, com certeza perceber mais o próximo. Cada janela tem sua história de vida, cada morador conta sua narrativa e agora, mais que em outros momentos, existe uma busca em se conhecer, melhorar a convivência e crescer como pessoa.

Paciência e criatividade passaram a ser cruciais todos os dias. Uns vivem esse momento com mais temor, outros com mais coragem, ambos sempre seguindo em frente, só que agora com menos pressa. O bem mais precioso nos dias de hoje é viver todos os dias como se fosse o último. É necessário perdoar, amar mais, rir e brincar, tudo precisa ser falado e sentido no “Agora”.

Não quero esconder mais nada de mim, estou aprendendo que viver é estar de maneira mais completa comigo mesma, pois todos os dias quando levanto ou deito para dormir, busco a minha fé e agradeço por mais um dia vivido com todos os que amo. Que a narrativa de minha vida a partir de agora seja uma história convincente e vivida com muita sinceridade.

QUANTO TEMPO MAIS TEREI QUE ESPERAR?

Fleyvisson Luan da Silva Lobato

Hoje, ao olhar pela janela do meu quarto e depois de estar há mais de dois meses nesse isolamento social, me fiz a seguinte pergunta: quanto tempo mais terei que esperar?

Quanto tempo mais terei que esperar para abraçar as pessoas que amo? Para reencontrar meus amigos? Para ir ao cinema? Para ir à praia? Para viajar? Quanto tempo mais terei que esperar?

No dia 31 de dezembro de 2019, no romper no novo ano, como de costume, fiz minhas promessas para o ano que iria iniciar e prometi a mim mesmo que em 2020 realizaria meus sonhos. Iniciei realizando o sonho da casa própria. Finalmente, aos 32 anos, consegui comprar meu apartamento, decorar e mobiliar ao meu gosto no intuito de receber minha família e meus amigos para reuniões aos fins de semana. Primeiro plano frustrado. Em janeiro também fiz minha primeira viagem de 2020 e planejei inúmeras: carnaval, semana santa, feriados, férias. Também precisei adiar. E mais uma vez me pergunto: quanto tempo mais terei que esperar?

Desde a segunda quinzena de março, quando iniciou o surto da pandemia no Pará, as atividades foram paralisadas. Eu, como professor, continuo atuando de forma online. O trabalho aumentou, a cobrança triplicou e a dor de cabeça, idem. Atrelado a isso, a saudade das pessoas próximas se multiplica; não pude abraçar meu pai no dia do seu aniversário, não pude passar o dia das mães junto à minha estimada mãe, não posso ir na casa dos meus pais ver minha sobrinha de um ano, não posso sair de casa e nem ver meus amigos. A ansiedade tomou conta dos meus dias; cobrança no trabalho, incompreensão dos responsáveis

dos alunos, além de tristeza e solidão por não poder sair de casa. Não lembro da última noite que consegui dormir por sete horas seguidas; a insônia já faz parte da minha rotina. Perda de peso, dor de cabeça, dor no corpo, também, sem falar na agonia de abrir as redes sociais e de deparar com depoimentos de pessoas que perderam pais, mães, avós, filhos. Graças a Deus não perdi nenhum parente para essa doença, mas a perda de pessoas próximas também é inevitável, sem falar na preocupação decorrente desse processo.

Já evito assistir jornais e noticiários para não ficar mais triste e angustiado diante do aumento diário de novos casos da doença, óbitos e um presidente que não dá a mínima para a vida do povo, ao contrário, faz chacota diante do cenário em que vivemos.

E como fazemos para não enlouquecer? O jeito é adaptar-se. Os exercícios físicos são raramente realizados na sala de casa, os abraços tornaram-se virtuais, as ligações são os meios de conversa e as vídeo-chamadas servem para matar um pouco da saudade de estar junto. E enquanto não temos previsão para o retorno das atividades e da vida normal, só me restar pedir a Deus que nos proteja e nos guarde e aguardar, pois até agora não sei quanto tempo mais terei que esperar.

HÁ ESPERANÇA... ESPERANÇA DE VIDA!

Frank de Sousa Santos

Quando paro, olho para o horizonte, meus pensamentos dialogam e uma interrogação aparece: "O que estamos vivendo?". Bem ou mal, a vida segue por caminhos jamais trilhados, dando voltas e derrubando a morte, outras vezes, indo ao encontro dela. Como me apavora pensar nisso... filhos, esposa, mãe, pai, irmã, tios, primos, amigos e colegas, eu! Eu! Pessoas todas que me cercam, que participam da minha vida, de repente, podem não mais estar, como eu também não poderei estar, de uma hora para outra, na vida delas.

Este tempo, e espero que seja passageiro, tem me feito perceber não somente os aspectos melancólicos, tenebrosos e aborrecíveis que, inclusive, iniciei estas linhas, mas tem me levado a outros ares, outras esferas, à dimensões auspiciosas. Talvez sejam essas dimensões que têm rompido, constantemente, a indagação que me corta o horizonte.

Outro dia, passei quase três horas ajudando meu filho de 5 anos de idade nas atividades pedagógicas remotas, advindas da escola dele. Antes, 30 minutos ou menos ainda. Dia das mães, longe da minha que mora em outra cidade, fiz todo o almoço para a minha esposa, mãe dos meus filhos. Há quanto tempo não fazia? Ontem, brincava eu e minha menininha de 2 anos de esconde-esconde. Não lembro de ter brincado anteriormente. Muitas situações simplórias – e quão importantíssimas são! – tenho realizado, agora. Não que antes não fizesse, porém, hoje é com mais veemência, com mais sentimentos, com mais entrega.

Família é isso! União, entrega, sentimentos, fortaleza... Saber por onde inicia, anda e finda; saber o que esperar de cada um; saber do amor que há entre seus membros. Exatamente

como é descrito numa estrofe da fabulosa música “Oração pela família”, do Padre Zezinho:

[...]

Que a família comece e termine sabendo onde vai
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor
E que os filhos conheçam a força que brota do amor

[...]

O benéfico lado do isolamento social? Sim... isso mesmo! Encontrar na família, a mesma que está confinada com você, a segurança, a esperança, o amor e a união, é, com certeza, um dos lados bons que tenho vivido em meio a esta pandemia.

Vejo-me, então, com o meu espiritual mais vívido, com minha religiosidade mais aguçada. Embora não esteja participando das Missas aos domingos nem desenvolvendo minhas atividades pastorais e ministeriais cotidianas, tenho me aproximado mais de Deus, através da minha família e de poder fazer o bem aos que mais precisam, e como tem gente necessitada nestes tempos.

Este vírus veio destruindo geral. Para aqueles necessitados, os dias parecem mais obscuros ainda. Emprego, justiça social, equidade, dignidade, saúde, itens tão importantes no dia a dia social de qualquer cidadão que, no entanto, tem criado um abismo, cada vez mais fundo e escuro, entre os bens sociais e o cidadão necessitado.

A pandemia me fez refletir sobre o processo de solidariedade que, por alguma razão não importante, desapareceu de nossas vidas, do nosso cotidiano, da minha condição de homem. E de repente a passagem bíblica me salta as lembranças e, agora, de fato, percebi quão falho fui:

[...] Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. [...] Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mateus 25: 35, 36 e 40)

Tenho vivido esta mudança. Tenho visto muitas pessoas pelo país afora tomando novas atitudes, atitudes humanas mais solidárias, fraternas, amorosas. Dando de comer, vestindo o nu, hospedando o estrangeiro, ajudando o adoentado, dando água ao que têm sede. O olhar para o outro, para a condição de ser, tem sido mais frequente neste período. A solidariedade tem estimulado em mim (e em muitas outras pessoas também) o fortalecimento da espiritualidade e da religiosidade, aproximando-me mais de Deus e dos meus. Ajudando o próximo, creio estar ajudando o próprio Senhor.

Outro propósito que tenho ancorado o meu ser é nos estudos. Estudar tem sido uma terapia. Quem me conhece sabe como sou apaixonado por estudar, por produzir conhecimento, por aprender. Pois bem! Tenho usado tudo isso ao meu favor. Leituras, escritas, participação em cursos e grupos de estudos (à distância), organização e ministração de cursos (à distância) têm me feito um bem enorme, por dois motivos básicos: a) crescimento intelectual, pessoal e profissional e; b) mente são em pleno desenvolvimento.

Agora mesmo, rabiscando essas linhas, há toda uma reflexão crítica, ponderada, assertiva e intelectual para que, de fato, tudo o que aqui está escrito alcance o seu “eu”, como tem alcançado o meu. Por isso que tenho dito por aí, nas lives ou em rodas de conversa online, que construir e reconstruir conhecimento faz um bem enorme, ainda mais durante esta pandemia.

A aprendizagem desenvolve o ser humano. Aprendizagem movimenta os circuitos neurais. Aprendizagem faz com que o sujeito evolua. Daí, então, eu buscar tanto conhecimento; aprender é prazeroso para mim e, ainda, é uma “válvula de escape” desta COVID-19.

E a morte que foi exposta no início desses traçados? Ela existe, está aí, latente em muitas famílias. Importo-me, claro, pelo sofrimento dos outros. Temo que possa vir acontecer na minha. Solidarizo-me com homens e mulheres que têm passado por este vale de lágrimas. No entanto, tento não me entregar a este inimigo, agarrando-me nos três pilares: família, Deus e estudo.

Sigo na esperança de que dias melhores virão para todos. Esperança do verbo esperar e não de esperar, como já dizia nosso saudoso Paulo Freire (2014). Esperança das famílias unidas e completas; esperança de uma vida digna; esperança de uma sociedade mais justa e igualitária; esperança de um mundo sem este vírus; esperança de ser um ser mais humano.

O tempo é difícil. O número de vítimas, grandioso. O vírus está em toda parte. Não há escolha de pessoa, classe, gênero, etnia. Desespero por todos os lados. Há vencedores. Há esperança... esperança de vida!

TRADIÇÃO E CONTEMPORÂNEO

Ingrid Nazaré de Souza Franco Mendes

Descrever meus sentimentos atuais diante da situação que o mundo está passando é falar de um turbilhão de pensamentos e emoções. É sentir medo, insegurança, crises de ansiedade, tristeza, empatia e fé, tudo ao mesmo tempo. Tenho rezado todos os dias antes de dormir, pedido a Deus para que tudo isso passe logo. Às vezes me sinto egoísta quando reclamo de alguma coisa dentro de casa, pois sei que existem pessoas em situações mais difíceis. Venho tentando ocupar minha mente para não ficar pensando em coisas negativas e nem deixar os sentimentos ruins me dominarem. Essa quarentena não está sendo fácil para ninguém, vejo como um momento único, onde estamos tendo que parar pra pensar no próximo, onde fomos obrigados a desacelerar e refletir sobre nós mesmos como pessoa. Prefiro acreditar que nada disso está acontecendo em vão, estamos nos reinventando em todos os sentidos e espero que quando tudo isso passar o mundo possa estar mais consciente. Ansiedade e tédio sempre aparecem no meu dia-a-dia atualmente, mas sei que faz parte e precisamos desse isolamento social. O medo de pegar o vírus ou que algum ente querido pegue e o medo da perda sempre me apavoram e isso me deixa muito ansiosa, tal fato prejudica um pouco minha saúde mental. Esse é um dos muitos desafios que nós como indivíduos temos que enfrentar nesse momento, cuidar do emocional para poder não “desabar” durante tudo isso, pois precisamos seguir em frente. Precisamos estar bem para ajudar o próximo, ser mais empáticos e solidários. É hora de revermos muitas coisas como seres humanos.



SOBRE VIVÊNCIA

Joyce Cristina Farias de Amorim

Estávamos em meados de março do corrente ano quando a nossa rotina começou a mudar surpreendentemente em nosso estado (Pará), porque o vírus em questão se aproximava. Senti o impacto da situação, com o anúncio da suspensão das aulas em todas as instituições de ensino, feito pelo atual governador. Em poucos dias, já não noticiávamos só o avanço da contaminação e o crescimento do número de mortes por Covid-19, mundo a fora, pois aqui no país começava a também crescer rapidamente uma particular estatística, tanto ou até mais preocupante quanto essa.

Acompanhamos as notícias de que os estados brasileiros anunciaram medidas independentes para conter a propagação deste inimigo invisível, ainda que medidas por parte da união fossem (e são) quase nulas. Vivemos diferentes crises. Algumas poderiam ter sido evitadas.

Lembro-me que dias antes da suspensão das aulas (falo enquanto docente de escola pública estadual e também como discente de instituição superior), eu me recuperava de uma forte gripe (suponho), e dias depois do meu retorno, veio o susto de que as aulas precisavam ser interrompidas e que retornariam somente ao final daquele mesmo mês, março. Mais do que o susto da suspensão, foi o medo do motivo. Passaram-se dias, semanas, e a estatística aumentava assustadoramente. Neste momento, estamos em meados de maio, e não sabemos quando tudo isso vai ter um fim. O túnel me parece muito longo. Este vírus desafiou, para além do geográfico, todos os nossos limites, sejam eles físicos, emocionais, cognitivos, racionais...

Muitos, inclusive, começaram a perceber somente agora a cruel e vergonhosa desigualdade social que faz parte da realidade deste país há tanto tempo, mas parece que só agora ficou mais clara a situação. Não para todos, ainda há quem insista em ignorar, inclusive, inacreditavelmente (ou previsivelmente) o próprio poder executivo federal.

Não há previsão para o retorno às aulas e essa é a menor das preocupações. Porém, há bem menor preocupação com o bem-estar de milhares de jovens e crianças que vivem em situação de extrema pobreza, fato evidenciado pela permanência das inscrições do Enem 2020, mesmo diante desse contexto. Há ainda, os que se dizem surpresos com a super lotação nos hospitais públicos. Isso é trágico, é cruel! Não há leitos para todos... desde muito antes desta pandemia, já não havia. Só ficou mais claro agora, até porque este vírus não é seletivo, pelo menos não por classe social. Também ficou claro o quanto a ciência, a educação e a saúde são importantes e o quanto políticas públicas de (re)distribuição de renda neste país se faz urgente.

Neste momento, cada um, a sua maneira, está tentando mais do que nunca se manter vivo em muitos sentidos. Muitos de nós estamos adoecendo, seja física e/ou psicologicamente. Muitos de nós não contaremos esta parte da história futuramente, considerando que tudo isso ainda nem terminou.

Quando me afastei do local de trabalho, juntamente com colegas e alunos, não houve tempo para nos organizarmos e pensarmos em nada. Aliás, o que deveríamos fazer ou pensar naquele momento? Só precisávamos deixar o ambiente escolar e ir para casa, acreditando que retornaríamos 15 dias depois. Não sabíamos (e ainda nem sabemos direito) o que estaríamos/estamos enfrentando, talvez pensássemos que seria algo passageiro e que tudo logo voltaria à normalidade (discutível). Mas já estamos em maio, e, praticamente estou (estamos todos) re-

cebendo notícias em casa, por meio de ligações, mensagens e redes sociais, de que amigos, colegas de trabalho, vizinhos, alunos, pessoas da família, enfim, pessoas, não números, se foram, perderam a batalha. Todos os dias o amor de alguém tem seus sonhos interrompidos, sem direito a despedida, sem abraços...

Em abril passei por momentos difíceis, precisei ficar em quarentena, pensei inclusive no pior, a suspeita era de Covid-19 (o contexto logo te leva a acreditar nisso), principalmente por que estava com a maioria dos sintomas, e assim obtive o diagnóstico mesmo sem teste, por meio de avaliação do serviço de telemedicina, feita por uma rede de planos de saúde. Certeza mesmo não há. Mas o tratamento seguiu como se fosse. Só a possibilidade da certeza, causou-me um profundo abalo emocional, além dos problemas com os sintomas. Talvez esse abalo persista por um longo tempo, pois, em casa, além de mim, meu esposo e meus filhos também sentiram alguns dos sintomas. Previa o fim. As circunstâncias contribuem para este tipo de pensamento, mas o amor encontrou forças e superamos os sintomas. Estamos na luta, como todo mundo, para cuidar de nossa saúde mental.

Dias depois, refletindo sobre o que passei, confesso que de certa forma vi naquela experiência assustadora “a indesejada das gentes chegar”, cheguei a sentir que “a iniludível” estivesse à espreita, Consoada de Manuel Bandeira me veio à mente. O susto maior passou, mas o medo, o bendito medo nos acompanha todos os dias.

Não posso, esquecer de relatar que sou natural e residente de Santo Antônio do Tauá, município com pouco mais de 30 mil habitantes, e também um dos municípios em que foi constatado um índice alarmante de casos confirmados e de mortes por Covid-19, por isso, o Tauá foi um dos nove municípios em que fora decretado o Lockdown e um dos primeiros que recebera, por cinco dias, a presença e os serviços da Policlínica móvel do governo do estado.

Nestes dias, tenho tentado me recuperar dos problemas causados com a falta de ar, bem como o abalo da minha saúde mental. Tenho realizado atividades frequentes para buscar melhorar a respiração, dores no peito têm sido ainda constantes. Sem falar nos efeitos colaterais de alguns medicamentos. Definitivamente, não foi e não tem sido fácil, mas sei que é a realidade de muitos neste momento, e sem dúvida, muito mais doloroso é para quem perdeu seus entes queridos.

Tenho sentido dificuldade em realizar muitas coisas, em especial, atividades que requerem concentração. Estudar? Ler? Tomar decisões? Cuidar de mim e dos meus? Contas a pagar? Sei lá o que fazer! Orar tem ajudado. É uma luta diária, readaptar-se, reinventar-se. Agora em maio, estou buscando retomar algumas atividades como participar de reuniões e aulas virtuais, bem como acompanhar meus filhos em suas respectivas aulas. Definitivamente não tem sido fácil. O surto bate à porta. Recusome a abrir. Mas ela é insistente, vejo a hora, consegui entrar.

O dia 09 de maio foi, dentre todos, o dia mais tenso e que me deixou em estado de choque com a perda num só dia de 5 pessoas muito queridas em meu município, doeu muito. E ainda dói.

Meus pais e minha irmã, juntos, administram um supermercado que continua funcionando, mas em horário reduzido, obedecendo às recomendações necessárias e por temer muito pela vida deles, decidi ajudá-los nesta lida. Eu sei que eles não vão parar. São as pessoas mais teimosas que conheço e ao mesmo tempo meus grandes amores. E assim, juntos, convivemos com o perigo diariamente. A angústia é gigantesca.

As duas palavras de ordem no momento são isolamento social, teoricamente, seria um momento em que muitos de nós poderíamos estar produzindo, estudando, fazendo algo que em tempos de correria nunca teríamos tempo suficiente. Mas como

fazer se a mente foi dominada pelo medo, pela tristeza, pela dor, pela angústia, por crises de ansiedade, pela sensação de impotência, pelo luto? Sei que mesmo dentre aqueles que talvez nem tenham sentido qualquer sintoma ligado a Covid-19, talvez não tenha ficado ileso a qualquer abalo emocional..

Sonhos, planos, rotinas, vidas... muito(a)s foram interrompido(a)s, outras precisarão continuar se reinventando, se (re)organizando, (re)existindo, resistindo, mas neste momento a nossa maior preocupação está sendo (sobre)viver.

Neste curto período de tempo muita coisa mudou. Nossos planos e sonhos foram adiados, sem data determinada, até nosso vocabulário mudou, nossos hábitos, entre outros. As nossas relações foram colocadas à prova, sejam elas amorosas, familiares, sociais...

O mundo inteiro está lutando contra o corona vírus, porém, de maneira diferente, ainda que as orientações da OMS sejam para todos, as condições de cada país e a forma como cada chefe de estado está lidando com a situação é diferente, e como está sendo difícil morar no Brasil neste momento.

Que a paz não tarde a chegar! Que a empatia seja um exercício diário!



COVID-19 - DIAS DIFÍCEIS

Kátia Regina de Souza da Silva

Que saudade tão forte de outrora, que tristeza profunda sinto agora, estou marcada, meu coração está doente. Nunca imaginei que um dia iria te ver assim, tendo que engolir suas próprias vidas. O que foi que aconteceu? Olho para o mundo e me pergunto: – O que é isso?

Como é bom lembrar a tua alegria em tons de arco-íris estampados na tua gente aglomerada pelas cidades, ruas, casas, feiras, shopping e infinitos lugares, lembro ainda cada sorriso, que por mim passaram, sorrisos largos, acanhados e contagiante gargalhadas. Lembrar que vivemos tantas coisas boas, e hoje choramos juntos, você por ter que tragar sua própria essência e eu por nada poder fazer para impedir. Então, parte de mim agora chora, de medo, dor, desespero e impotência e a outra parte é só esperança.

Sim, falo do meu país, o meu Brasil, falo dos filhos que esta nação tristemente teve que sepultar de forma tão injusta e cruel, por causa de um adversário dissimulado que abalou as estruturas mais sólidas da humanidade, ele se chama Covid 19, o coronavirus, que atravessou o oceano, continentes, países, cidades, ruas, casas e chegou até mim. Quem diria que seríamos acometidos por uma pandemia que suspendeu nossas vidas.

Só de lembrar que tudo começou em dezembro de 2019, período mais esperado do ano, não somente pelas festas natalinas, mas por todo o significado e simbologia que as envolvem. O mundo inteiro festejava a passagem do ano. Na China, por exemplo, era esperada a tradicional festa do Ano Novo Chinês, no Brasil, nos preparávamos para os dias mais alegres da nação, o carnaval. Tudo parecia “normal”.

Mas no final de dezembro, a mídia, como de rotina, no seu papel informativo, divulgava o surgimento de um surto de gripe em Wuhan, na China; logo em seguida, circulava um vídeo de um médico Chinês alertando sobre um possível surto de “pneumonia de origem desconhecida”, mas o Brasil estava muito longe dessas epidemias, quase sempre essas coisas não chegavam até aqui, e apesar da notícia ter chamado a atenção, a vida continuava normalmente. Em janeiro, as notícias se espalhavam ainda mais, assim como a doença, mas mesmo assim, em fevereiro, alcançamos o maior número de brincantes no carnaval.

Hoje, 24 de maio de 2020, o Brasil é o terceiro país em número de infectados e o sexto em número de mortos no mundo, alguns estados estão em lockdown e as pessoas igualadas à fantasia do momento, as máscaras. Estamos na Pandemia.

Salvo raras exceções, mas não conheço ninguém que não tenha tido sua rotina alterada por causa do “coronavírus”, e assim nos tornamos reféns dele, que não precisou ser maior que ninguém e nem possuir superpoderes, só precisou mesmo descobrir nossas fragilidades e com isso nos foi derrotando aos poucos. Sim, esse vírus está levando parte da humanidade e das famílias, levou meus amigos, parentes e nada pude fazer, a não ser, vê-los sumir na terra como se fossem engolidos e sem, nem mesmo, poder chegar perto para dizer adeus.

Desde que esse adversário ficou famoso, tive medo. Depois que pretendeu alcançar a fama aqui no meu país e na minha cidade, me desesperei. Estamos passando dias difíceis e a cada passo desse adversário, a cada acesso às redes sociais, a cada perfil alterado para o símbolo do luto, o desespero aumenta. Houve momentos em que me desanimei tanto que não aguentava mais ouvir falar em números e estatísticas.

Assim, tomada provavelmente por alguma pressão psicológica provocada pelo risco de contaminação, isolamento

social e pânico inerentes ao covid-19, cheguei a me irritar com os jovens, porque, de certa forma, se achavam imunes, me aborreci com algumas pessoas que pareciam alheias e sem noção do que estava acontecendo no Brasil e no mundo, me enfureci, principalmente, com alguns governantes do meu país, que pela disputa de autoridade e poder, nada fizeram, de fato, que pudesse intervir nas estatísticas, causando assim, além da instabilidade instaurada na esfera econômica e na saúde, uma terceira crise, a política, que vergonhosamente devo dizer que é exclusivamente nossa.

Dessa forma, me vi numa crise de pânico, minha mente estava alterando as sensações do meu corpo, enquanto minha razão lutava para controlar e manter a sensatez.

Depois comecei a perder pessoas próximas, dois deles eram meus tios, senti na pele a dor de perder entes queridos, tragédia que marcou minha família, e como se não bastasse, ainda perdi mais um parente para a irresponsabilidade do trânsito, outra angústia. Também vi a dor na tela da televisão e em depoimentos de pessoas de diversas partes do mundo, doeu na minha alma cada cena e cada relato, assim como doeu também ver meus amigos perderem seus familiares, como pais, mães, filhos, um sofrimento humano indescritível e inexplicável.

Porém, uma cena desencadeou todo o descontrole emocional em mim, foi antes das perdas familiares, quando vi aqueles homens da saúde, em torno de cinco, mais ou menos, vestidos como astronautas na porta da casa de uma vizinha, eles vieram buscá-la, pois foram notificados de que estava com os sintomas do tal vírus e em estado grave, uma verdadeira cena de filme, enquanto eles tentavam retirá-la de lá, a briga se armava, do lado de fora da casa, entre os filhos daquela mulher, de um lado a filha defendia a hipótese de que sua mãe deveria ser levada para o hospital, pois acreditava que ela poderia ficar

curada e precisava dar a ela aquela chance, do outro lado, o filho se desesperava em gritos defendendo a tese de que sua mãe não fosse levada, temia não vê-la nunca mais, pois sabia que os que iam para o hospital dificilmente voltavam para casa, os que morriam eram lacrados em caixões que impossibilitavam a família de vê-los e assim eram enterrados.

Dona Esperança, nome fictício daquela senhora, tinha entre seus 60 e 70 anos, criou seus filhos sem o pai, deu o melhor de si por eles, com o melhor que podia fazer, era trabalhadora, até onde sei, foi diarista, lavadeira, feirante e, principalmente, mãe. Aquela cena nunca vou esquecer, levaram dona Esperança. A partir daí desenvolvi um pânico com tudo e todos, foi quando comecei uma paranoia de superproteção, defesa e acusações. Tinha muito medo de que meu único filho adoecesse, ele estava em Manaus, hoje a quarta cidade mais atingida pelo adversário no Brasil. Quando o rival chegou lá, tremi nas bases, pois meu filho é asmático e eu não podia protegê-lo.

Nessas alturas, na minha cidade, Belém, os casos cresciam consideravelmente e eu adoeci também. Na minha casa o povo não entendeu o recado, passei dias difíceis. Foi aí que valorizei as lembranças, aquelas de como o povo brasileiro era tão alegre, mesmo com todas as dificuldades e desigualdades sociais, o povo por aqui sempre mantinha o sorriso diante das adversidades da vida, embora muitas vezes o sorriso lhe escondesse a dor.

Fiquei durante dias doente, o vírus descobriu todas as minhas fragilidades, da física a emocional, então fui enfraquecendo e nessas horas, como todo cristão que se preze, recorri ao único consolo em momentos difíceis, Deus. Falei com Ele, disse que suportaria toda a dor, todos os sintomas, mas que poupasse a vida das pessoas que conheço e amo, propus uma espécie de troca, mas as coisas não acontecem como queremos e já perto do meu limite, pedi arrego e fui para o hospital, onde

recebi todo o atendimento necessário, foi quando percebi minha impotência diante da realidade e minha enorme vontade de viver. Ainda hoje, não sinto o cheiro das flores, não sinto o gosto da água, mas saí do risco maior e agradeço, principalmente, a Ele. Não sei como serão os dias daqui para frente, mas tenho saudades de outrora.

Meu país é obrigado a tragar seus mortos como nunca visto nesta geração, é por isso que sinto dor e uma tristeza profunda, porém, no fundo do meu ser ainda prevalece a certeza que ainda nos resta a esperança de acreditar na capacidade de reinvenção do homem, de que após essa pandemia, quando juntarmos o que sobrou de nós, caminhemos na mesma direção e nos tornemos mais humanos. Espero poder ver meu país sorrir novamente e se misturar mais uma vez numa aquarela de cores, mesmo com a certeza de que nunca mais será como antes, porque certamente olharemos para dentro de nós, veremos as cicatrizes que ficaram e diremos: – Passamos por dias difíceis.



OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA MINHA VIDA

Kátia do Socorro Carvalho Lima

Em razão da Pandemia da Covid-19, conjunto de vírus que causam infecções respiratórias, a vida da humanidade está continuamente ameaçada, o número de infectados e de mortes causadas pelo surto da doença assusta e faz emergir um misto de sentimentos: preocupação, dor, tristeza, compaixão, saudade, angustia, ansiedade, revolta, dentre outros que se apoderam nesse momento, que no âmbito do meu pequeno universo, das relações familiares e de amigos, são sempre sentimentos de profunda aflição e dor.

Como não ser atingido pelos impactos que a Pandemia nos impõe, não somente de ordem biomédica, mas também de ordem social, econômica, política e cultural, que repercutem diretamente na dinâmica das nossas vidas? E, ainda assusta a veiculação de discursos de pessoas desinformadas, irresponsáveis ou daquelas que são influenciadas por essas, de que a Covid -19 não passa de uma simples “gripezinha”.

Quando conduzida à reflexão sobre minha vida nesse contexto, a busca da memória e das representações são inundadas por outras questões. As consequências que a Pandemia impôs para todos: a contenção da mobilidade social como o isolamento e a quarentena, a situação de exposição e vulnerabilidade de grupos ou pessoas desfavorecidas economicamente, a saúde mental ameaçada o tempo todo em tempos de isolamento, o risco a que todos estão sujeitos de contágio, de adoecimento e de morte, a ausência de acesso a bens essenciais como medicamentos e alimentação. Essa situação complexa e histórica, corresponde em compreender e tentar dar respostas, que no

momento ainda estão fora do meu controle, para os desafios dispostos/impostos pela Pandemia.

Situações difíceis que tenho enfrentado como a perda repentina de familiares e amigos, que além da saudade deixaram um profundo sentimento de revolta. Por que eles? O isolamento, não somente social, mas principalmente afetivo, não poder estar junto de quem amamos, abraçar minha mãe idosa, por exemplo, é angustiante. Somados ao medo e a insegurança de sair de casa, os cuidados para se prevenir do contágio tornam-se uma dinâmica complexa: usar máscaras, lavar as mãos, usar o álcool em gel e todos os cuidados e critérios que devemos atentar, como o posicionamento adequado da máscara no rosto, o desconforto para respirar, as etapas para a lavagem das mãos, os cuidados com o uso de álcool em gel por ser um produto altamente inflamável. Meu Deus!

O adoecimento de um membro da família me mostrou que mesmo tentando seguir todos os rituais de prevenção, ainda estamos sujeitos a sermos contagiados. Ter alguém que precisa ser isolado em casa não é fácil. Estar próximo e ao mesmo tempo distante. Não poder cuidar, conversar mais de perto, esterilizar os objetos e o ambiente com frequência, situações incomuns que causam estranhamento.

Como lidar com tudo isso e ainda ter que continuar as atividades profissionais e acadêmicas? Como docente, as responsabilidades com o planejamento e execução de aulas remotas, manusear novas mídias, cumprir horários nas aulas síncronas, corrigir tarefas, responder as inúmeras mensagens de alunos, que não respeitam dias e horários, participar de reuniões, cobranças e mais cobranças. E, como acadêmica, as responsabilidades e tarefas, das já enunciadas, se duplicam.

Mas, mesmo que os aspectos negativos listados sejam significativamente mais evidentes por causarem marcas e

traumas indeléveis, não posso negar os aspectos positivos, dentre os quais destaco o sentimento de solidariedade que senti quando precisávamos de recursos financeiros para o traslado de um familiar doente de uma cidade para outra, num valor muito alto. Uma rede de solidariedade se formou e conseguimos realizar de forma tranquila, por meio de ajuda, não somente financeira, mas de outras formas de apoio e orações.

Percebo também que estabelecemos uma proximidade maior com a família, os diálogos são mais intensos, realidade que o cotidiano comum muitas das vezes não nos permite. Os aprendizados que tive e estou tendo nesse processo me conduzem às reflexões constantes. A busca do autoconhecimento e do conhecimento e reconhecimento do outro.

Assim, sigo a vida...como já havia dito, imersa em questões que me afligem perenemente, na busca de respostas para tudo que sinto e vivo nesses tempos, por isso me limito a dizer apenas essas iniciais e vagas palavras, pois ainda não estou segura para expor tudo que estou sentindo, pois pelo que tudo indica, ainda temos um longo caminho a percorrer enquanto não tivermos “armas” para combater esse inimigo/vírus cruel. Não quero ser egoísta expondo apenas os impactos que a Pandemia está causando na minha vida. Nesse momento, em particular, ainda não me permito me aprofundar nesse relato, por respeito a toda dor da humanidade.



VÍRUS E INSÔNIA

Kyria M. R. Monteiro

Meu pai pegou o vírus. Meu pai pegou o vírus. Meu pai pegou o vírus...

Isso ecoou na minha cabeça incessantemente desde o momento em que recebi a notícia do diagnóstico, me deixando sem dormir umas três noites seguidas.

É surreal quando o vírus ganha nome, o nome de um familiar, e não de um primo distante qualquer, mas do meu pai! Saber que, de todas os casos confirmados, de todas as mortes já relatadas, meu pai entrava semana passada na lista dos contaminados e poderia se tornar mais um número.

A ideia de perde-lo pra sempre me deixou apática e improdutiva por três dias. O pior sempre chegava de noite. Minha mente inquieta calculava os inúmeros desfechos angustiantemente. Pensei em tudo. Em todas as possibilidades...

...E se ele morrer? E se ele não conseguir leito? E a medicação? E as pessoas que moram com ele? Será que ele infectou alguém lá? Ele estava com a minha avó no fim de semana passado, será que ela foi contaminada? Ai, meu Deus, ela já é velhinha. Eu não vou saber viver sem ele. O que vou fazer?

Amanhece. Olho no celular e são 6 horas da manhã. Mais uma noite perdida.

Até antes do diagnóstico dele, eu estava preocupada comigo. Não saía de casa em momento algum, sempre de máscara, lavando as mãos umas 50 vezes ao dia, higienizando tudo...NÃO IMPORTA MAIS! Pra quê fazer tudo certinho se quem eu amo já foi infectado?!

Importa sim. Eu sei. O surto é inevitável.

Leio, me informo, me acalmo. Informação é tudo, quando verdadeira, é claro.

Muita febre, tosse, dor chata no peito, mas sem falta de ar.

“Sem falta de ar?! Menos mal! Pai, não posso ir aí te dar um abraço, mas me mantém informada, por favor! Te amo!”

Hoje estamos no 10º dia desde o diagnóstico. A febre já está baixa, quase sem tosse e bem mais disposto. Estável, ele está estável, não havia reparado o quão bonito esse adjetivo era.

Acredito e me sustento na recuperação dele, ele é forte, é meu pai, não deveria adoecer, mas já adoeceu, tenho que aceitar isso e esperar que o vírus maldito complete seu ciclo, sem trazer maiores complicações para ele.

Destro o celular. A tela com luz fraca no escuro do quarto marca uma e meia da manhã. Estou bocejando, que bom, acho que vou conseguir dormir antes das 6.

A MÁSCARA QUE NINGUÉM VIU

Leandro de Souza Almeida

Vi teu rosto coberto, vi teu olhar que de forma meiga e gentil reflete teu sorriso acolhedor, vi teu silêncio que exigia de ti muito mais que um trabalho, que pudesse acalentar a alma daqueles que buscavam em ti um afago, que entre a consciência e a dor, a esperança de uma cura oriunda de seu agir e dispor de todo seu potencial surgisse.

Vi teu grito que ecoava ao som das batidas do teu coração, que suave, pensava, agia e corria para socorrer quem de ti precisava. Porém, a limitação vai para além de tuas mãos, mas te limitavas porque foste vítima de um sistema que devasta a sociedade de forma bruta e sem dor. Dessa forma, vi refletir a máscara que ninguém viu; máscara humana, humano este que usava uma única máscara, máscara do compromisso, em busca de ser útil na recuperação de outro ser, máscara que ninguém vê e que ficara marcada na memória de quem lutou por alguém, um alguém que um dia também amou, sorriu, criou, viveu, sonhou; este mesmo alguém que tem e teve uma máscara que ninguém viu, máscara escondida, abafada e guardada em seus mais profundos sentimentos.

Em tempos de máscaras usadas como prevenção, diversas formas de máscaras se viram, máscaras nas ruas, nas mídias, na moda e de variados modelos, usadas com estilo e vaidade. Mas a máscara que vi, reflete o rosto de quem se permitiu dedicar seu trabalho para garantir aos outros a alegria de viver e de construir histórias; e foi nesse momento que refletiu ao mundo o valor claro daqueles que com máscaras guardavam suas dores no suor de sua profissão. Talvez o tempo, a história e a experiência guardaram muitas máscaras que certamente não tiveram controle diante daqueles que usavam máscaras que ninguém viu.



DO MEDO ÀS DESCOBERTAS – VIVÊNCIAS DE UMA PANDEMIA

Lia Cristina da Silva Botega

Medo! Se tem algum sentimento que de imediato comparece quando penso no período da pandemia é esse. David Kessler, um dos maiores especialistas sobre o estudo de luto no mundo, diz que estamos vivendo um luto coletivo. E falar de morte é, novamente, acionar o medo.

Medo da morte! Percebo que vivo em uma era em que se foge o tempo todo da morte, aquela que se configura na única certeza da vida. Pensar nisso, me causa estranheza e confusão. Somos uma sociedade que busca incansavelmente ter certeza das coisas, mas da ÚNICA certeza da vida fugimos igual o diabo foge da cruz.

Parece-me que a busca das certezas é a tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio em nossa existência e a morte se configuraria em manutenção da polaridade negativa da vida. O que seria então o equilíbrio? O ponto neutro? Quando tento compreender a tal neutralidade, me vem a imagem do monitor de frequência cardíaca de uma UTI, reflexos de uma analogia aprendida com a Dra. Karina Fukumitsu. Quando vemos no monitor uma linha reta (equilibrada?), é sinal de que a pessoa monitorada morreu. Entretanto, o sinal com ritmo frequente, com subidas e descidas, mostra que a pessoa está viva.

Através dessa analogia, entendo que a vida não é uma linha reta, equilibrada, neutra, mas um processo de subidas e descidas constantes e com ritmos frequentes. Dessa forma, compreendo que a busca na vida não é pelo equilíbrio, mas pela coerência frente às situações que vivemos.

É coerente sentir-me constantemente amedrontado com um inimigo que não consigo enxergar? É coerente sentir-me triste com a distância que preciso manter dos meus pais e amigos? É coerente sentir-me desesperançoso quando não visualizo na figura pública que deveria demonstrar segurança, “o capitão do barco”, para o enfrentamento e busca de superação da pandemia? A resposta é SIM para todas as perguntas.

Como psicóloga, estou nesse momento da pandemia, dioturnamente, auxiliando pessoas que me buscam no consultório a encontrar condições emocionais para o enfrentamento desse momento. E, assim como oriento a estas pessoas que acolher o medo, a insegurança, a angústia e a desesperança desse momento é uma estratégia saudável, busco, coerentemente, também acolher esses sentimentos que emergem em mim.

Entretanto, acredito também que não podemos entrar apenas na dor e no sofrimento que esse momento histórico traz. Procuo, então, visualizar o que posso construir a partir dessa experiência. E nesse momento, surgem sentimentos e sensações de potencialidades e descobertas que antes da pandemia nunca imaginei viver, aprender ou desenvolver.

Descobri que a terapia também pode ser feita à distância e que a presença física não é fundamental para um encontro de suporte e amparo ao outro, pois a dimensão com o próximo não é apenas pele-a-pele. Aprendi também que o desenvolvimento científico e tecnológico da nossa sociedade, que alguns teóricos defendem ser os responsáveis pela situação pandêmica que nos encontramos, também pode auxiliar na manutenção da vida e de vínculos afetivos, se fizermos o uso saudável e consciente de tais recursos.

Compreendi que o mercado financeiro é mais cruel do que eu imaginava e que empatia, solidariedade e senso de responsabilidade coletiva são atitudes que ainda precisamos

desenvolver bastante. Aprendi que nem todo político é ruim, mas existe muita “ruindade” em muitas pessoas e em muitos políticos. Entendi que poder e acesso são mais valorizados na nossa sociedade e que estes são riquezas que se continuarem mal distribuídas, poderão colapsar nossa humanidade.

Aprendi que sou mais forte do que imagino e que, mesmo com medo, posso desenvolver habilidades nunca imaginadas, como ser a cabelereira do meu marido ou tocar o violão que há 23 anos estava esquecido. Reconheci que minha casa não são as paredes que constituem a estrutura física do meu apartamento, mas o abrigo caloroso e afável que tenho no abraço das pessoas que amo e que fazem muita falta nesse momento. Assim, a lição que me pareceu mais importante foi que o amor ético, cuidadoso e respeitoso é capaz de me auxiliar a superar todo e qualquer medo desse ou de outros momentos.



ACENDE A VELA: A MEDICINA DA FÉ EM BELÉM DO PARÁ

Luiz Rodrigo Brandão Pinheiro

“São casas construídas mais da necessidade
que da engenharia”

Este verso estava escrito no livro artesanal do poeta criado ao calor da feira do Ver-O-Peso, eu li este verso ao passear no “Ceasa Felipe Patroni” numa sexta-feira como qualquer outra, fazia tempo desde que meu pai trabalhava no Jurunas Conceição, e logo vi que pouco havia mudado. Tivesse eu vocação para física, saberia bem que aquelas casas de palafita compõem um dominó desumano. Uma casa segura a outra, bem como uma mão lava a outra e as duas juntas colocam uma peça de cera no carro dos milagres em outubro.

Belém é uma cidade de fé, e não há um só centímetro desta terra que não haja alguém acendendo uma vela de 7 dias. Principalmente nos tempos difíceis que compunham os primeiros meses em que se propagou “aquela doença ruim” e as mudanças no dia a dia foram bruscas. Quem tinha sua “bandirinha” em casa ou no banco passou bem, mas aqueles que todos os dias saem pra trabalhar e garantir o peixe frito com açaí ou a sardinha em conserva, tiveram os piores dias que um ser humano pode ter. É fácil dizer “fique em casa” quando se pode ligar encomendando qualquer coisa, mas digo, fatal foi ter que escolher entre trabalhar ou perecer.

Natelcia era uma mulher encantadora, trabalhara desde a adolescência pra sustentar seus filhos, presente daquele que jurara amor eterno. Por isso, imagino que não merecia ver sua filha caçula suspirando de dor e febre. Na TV diziam – hospitais cheios, sem vagas, sem leito. Se era difícil pra quem tinha plano

de saúde vip, imagine para quem sequer podia sair de casa e andar três quarteirões pra pegar dois ônibus e chegar no pronto socorro mais próximo, a morte parecia ser menos agressiva, mas a dor de uma mãe era maior. Tudo parecia perdido, quando sua velha amiga da época das fábricas de castanha do Pará, a tia Chica, veio lhe ajudar e benzer a menina durante 7 dias, dando banho cheiroso para no último dia despejar na encruzilhada e lá deixar as mazelas.

Tudo estava indo bem, parecia perfeito, mas no quinto dia foi instituído que ninguém saísse de casa sobre um longo período. Assim, a febre voltou e junto vieram as dores e o desespero de quem ainda tinha que dar de comer a mais quatro inocentes. Natelcia, contando as horas pra poder receber ajuda novamente, catou uma vela já pela metade e acendeu no pé de São Benedito lhe pedindo uma direção. Já diziam os antigos, que a oração de uma mãe é a mais poderosa de todas, e não é que ela foi ouvida? Ligando a TV para assistir ao jornal, deparou-se com uma reportagem sobre os enterros disparados no cemitério Santa Izabel, e como se ouvisse a voz de um preto velho em seu ouvido, lembrou que sua mãe tinha grande fé em Severa Romana, uma pessoa enterrada naquele cemitério que era conhecida por seus milagres. Mal terminou de pedir, e a menina já sorria pedindo café, sua pele suave estava tão fria que nem parecia que fazia aquele sol de meio dia.

Quando me perguntam se essa história é verdadeira, eu digo que não, pois, em verdade, digo que quem tem fé é agraciado como Natelcia, mas quem não tem com certeza nunca sentiu o calor da corda do círio, e nunca chorou ao ter o corpo estremecido pelos extintos fogos dos estivadores na escadinha quando a santa desce do navio. E com certeza, essas pessoas sem fé nunca se encantaram como eu ao admirar tantas velas acesas para Severa Romana no dia de finados. Natelcia me ensinou que a fé existe, mas precisa ser reforçada algumas vezes.

OCEANOS

Luna Carvalho de Lucena

Para o espiritismo, este é um momento de renovação cósmica. Velhas regras e valores deixariam lugar para uma nova era moralmente elevada, onde cada ação humana positiva poderá desencadear uma corrente de mudanças construtivas.

Para a ciência, esta é uma pandemia de proporções nunca vistas que une o mundo inteiro em uma missão comum; a da cura.

Para meu psicólogo, é um ótimo momento para a autorreflexão. A partir desse momento, posso exercitar minha capacidade de manter um relacionamento bom comigo mesma e com os outros. E, também, é um momento de autodescoberta importante.

Síndrome de Asperger, um espectro de transtornos com sintomas como comportamentos repetitivos, dificuldade de socialização e problemas na coordenação motora ou percepção sensorial, atualmente considerado parte do espectro do Autismo, com alta funcionalidade. Esta foi a possibilidade de diagnóstico apresentada pelo meu psicólogo.

Durante a minha vida, existia um sentimento que estava constantemente presente. Se precisasse materializá-lo nesta página com uma palavra, seria "Inadequação".

Dificuldade na comunicação com os outros resultaram em uma vida relativamente solitária. Não desprovida de amigos, de amor ou de apoio, mas sozinha de alguma forma particular e específica a ela.

É um solitário bastante expansivo, muito ativo. Também muito confortável.

Estar sozinha com meus pensamentos sempre foi como respirar o ar puro depois de um dia agitado. A influência das outras pessoas, de suas formas de pensar, de seus ritmos, sempre foi particularmente difícil.

Tentar acompanhar o ritmo do mundo as vezes me faz sentir como um peixe tentando correr. Pulo o mais longe que posso até chegar onde quero, e várias vezes, consigo chegar, mas o caminho talvez seja um pouquinho diferente de gatos ou raposas.

Mergulhar no oceano das minhas ideias acaba se tornando o meu lar, o meu status quo.

Então, estar "sozinha" para mim é um refúgio.

Neste sentido, imagino que muitos introvertidos consigam compreender o que quero dizer quando digo que não imaginava sentir dificuldades em estar na minha casa por mais tempo.

E, de fato, não senti.

Mas essa experiência ainda veio com uma carga de emoções novas, e de um aprendizado valioso.

Sempre tive certeza de que coexistimos em um mundo no qual o que afeta um, sempre afetará os outros. Não importa o quão distante, existe uma rede que nos conecta como indivíduos, um oceano de ideias que talvez pertença a todos nós.

Um universo de ideias coletivo.

Estamos passando por mudanças profundas neste momento, nisso eu acredito.

De repente, me vejo capaz de parar e respirar, viver em um mundo que é construído e mantido por mim, quase vinte e quatro horas por dia. Sozinha. E quanto mais sento neste espaço completamente constituído por mim, mais eu sinto a presença dos outros.

Estar na própria pele é uma arte, mergulhar dentro de si mesmo é um exercício, e talvez, nesta jornada de autodescoberta,

eu tenha descoberto os outros, sozinhos dentro de si mesmos, interconectados dentro de uma lógica maior do que nós.

E, de repente, me sinto menos “Inadequada”. Mais do que isso, me sinto muito menos sozinha.

Dentro e fora, as mudanças as quais vivo não estão apenas acontecendo comigo, mas dentro e a partir de mim.

Sou um alguém que tem um possível diagnóstico, uma ou algumas dificuldades pessoais, uma vida complexa de dores e alegrias como a de qualquer outra pessoa.

Alguém que aprendeu uma arte de viver de dentro para fora, de seguir o próprio ritmo, alguém que em meio a uma quarentena, é aprendiz na arte de conviver.

Adequadamente diferente, naturalmente sozinha, constantemente interconectada. Um oceano que encontra outros oceanos nas profundezas de ser falho, mutável e perfeitamente humano. Um “Sozinho” assim, se torna “acompanhado”, sem precisar sair de casa.



PANDEMIA DO CORONAVIRUS - COVID 19: UM OLHAR PESSOAL SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS

Márcia Nemer Furtado

Um novo vírus denominado Covid 19, ainda pouco conhecido pela ciência, vem causando uma doença pulmonar grave, provocando mortes em números que impressionam. Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a epidemia de grande surto na China como pandemia, pois passou a ser disseminada em diferentes continentes. Na América Latina, mais especificadamente, no Brasil, o primeiro caso foi identificado no final de janeiro de 2020.

De acordo com a revista Exame de abril de 2020, os dados divulgados pelos noticiários apontam que os países preocupados com a economia, inicialmente menosprezaram os riscos da pandemia, assim, atitudes para enfrentar o surto demoraram para tornar-se consenso entre os países. A primeira leva de medidas de combate à covid-19 foi tímida, tanto do lado da saúde pública, quanto do viés econômico.

As posturas começaram a mudar quando os números evidenciaram o tamanho do estrago potencial. Um estudo do centro de ensino e pesquisa em ciências Imperial College, com sede em Londres, mostrou que, sem nenhuma ação de restrição de circulação de pessoas, o surto do novo coronavírus poderia levar 500.000 britânicos à morte até setembro, ou 1% da população (REVISTA EXAME, ABRIL, 2020).

Foram estudos como este que levaram as autoridades de saúde pública em todo o mundo a decretarem períodos de

quarentena e fechamento gradual dos serviços não essenciais, entretanto, o ritmo lento de tais medidas não são suficientes para conter o contágio em massa e para evitar danos irreparáveis a toda sociedade. Além de serem insuficientes, ainda nos deparamos com atitudes políticas que menosprezam a gravidade da situação e o descaso para com tantas vítimas, como aconteceu no Brasil através de seu atual presidente.

O pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro em 24 de março ataca as medidas de isolamento horizontal propostas por estados e municípios brasileiros. Ao minimizar os riscos do coronavírus, Bolsonaro vai na direção contrária até mesmo de outros líderes populistas de extrema-direita como Donald Trump, nos Estados Unidos, Boris Johnson, no Reino Unido, e Narendra Modi, na Índia (Kalil; Santini, 2020).

Segundo Kalil; Santini, 2020 entre o dia 10 e 31 de março, ocorreram uma série de compartilhamento de desinformação por parte do governo e da presidência. O caso mais grave foi a veiculação da campanha “O Brasil Não Pode Parar” pela SECOM (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República). Após a justiça proibir esse tipo de campanha, o próprio SECOM apagou os posts das redes sociais, chegando a afirmar que a campanha nunca existiu.

Mesmo contrariando o presidente da república, governadores e prefeitos passaram a adotar restrições de circulação de pessoas e funcionamento do comércio. A partir daí, medidas de isolamento social passaram a fazer parte da vida também dos brasileiros. Formas calorosas de cumprimentos pessoais passam a ser frias, a simpatia, característica de nosso povo, transformou-se em rostos fechados, em gestos arredios e em algumas situações preconceituosos. Sentimentos de medo,

ansiedade e preocupação passam ser divulgadas frequentemente nos depoimentos da população nos jornais e nas redes sociais. Em consequência, percebemos que não só a saúde física passa a ser afetada, mas também a saúde psicológica.

Passamos a nos distanciar de familiares e amigos, colegas de trabalho, de igrejas e nesse caminho, um sentimento de constante saudosismo passa a ser comum entre muitas pessoas. Particularmente, sinto falta de vozes, presenças, encontros, abraços, sorrisos. Costumava reclamar do calor, hoje sinto falta do sol, mas também da chuva, das ruas, das feiras. Sinto falta do almoço em família, das orações em comunidade. Reclamava de participar de muitas atividades, hoje sinto falta das lutas coletivas e individuais.

Além das questões mais pessoais, presenciamos uma maior visibilidade dos contrastes sociais e econômicos entre os países desenvolvidos, em desenvolvimento, ou subdesenvolvidos, pois apesar da possibilidade do vírus não escolher continente, cor, posição social ou sexo, a maior probabilidade do contágio sempre será em países com menor estrutura econômica, ou onde temos as maiores aglomerações de pessoas ou em cidades e regiões com menor estrutura de saúde e saneamento básico.

Como exemplo do referido contraste, temos o discurso de lavar as mãos em meio a um grade número de populações sem água encanada e sem produtos de higiene e limpeza. Além do conselho de ficar em casa, apesar de que muitos têm que sair para trabalhar para ganhar seu sustento, ou ainda, mães e pais de família que precisam enfrentar imensas filas em bancos públicos para receber um auxílio emergencial por não possuir uma renda fixa, como acontece atualmente no Brasil.

Apesar de tantas saudades, das incertezas, do assustador número de pessoas contagiadas, das inúmeras perdas trágicas, das crises sociais, políticas e econômicas, tiramos lições do

reaprender a conviver em família, recriar formas de enfrentar conflitos, reinventar diálogos, revitalizar forças e fé. Nesse sentido, depois que tudo amenizar, se a vida me deixar, provavelmente a enfrentarei com maior paixão, gratidão, perdão, esperança e ação.

Diante do vivido, a certeza que tenho é que o isolamento me fez refletir o quanto precisamos da convivência social, do ar, da água, do trabalho. A morte sem despedidas será uma das mais fortes experiências de nossas lembranças, mas em meio a tantas tragédias, também lembraremos de pessoas em ações solidárias, dos novos heróis nacionais como os profissionais de saúde e tantos outros que trabalham para que outros possam ficar em casa. Portanto, depois que tudo passar, meu olhar não será vazio e minhas ações terão como prioridade o ser, o humano, o natural e o social.

NOVO CORONAVÍRUS, A QUARENTENA E EU

Marlene Silva de Moura

Narrar sobre como me sinto no período de quarentena, por conta da pandemia do novo coronavírus consiste em registrar 04 (quatro) momentos distintos vividos durante esse período: primeiro, ao saber que o vírus já estava na Europa e que o número de casos com mortes continuava crescendo progressivamente; segundo, quando soube que o Brasil já registrava casos do COVID-19 e tanto em Belém quanto em minha cidade natal, Imperatriz, onde vivem meus pais e minha família, já havia pessoas contaminadas; terceiro, ao saber que o hospital em que trabalho já tinha pacientes internados com COVID-19; e, finalmente, quando soube de casos confirmados em minha família. Cada um desses momentos trouxe sentimentos, preocupações e diferentes inquietações.

Ao saber que o novo coronavírus já estava na Europa e que não apenas crescia progressivamente como matava muitas pessoas diariamente, em especial, na Itália, pensei comigo mesma: “Deus, em breve esse novo coronavírus chegará no Brasil, será que o país está preparado?” A preocupação não era apenas comigo, mas com meus pais e sogros idosos, amigos queridos portadores de doenças crônicas que faziam parte do grupo de risco. Ao mesmo tempo que surgiram sentimentos como ansiedade e preocupação, veio em minha mente o texto bíblico que diz: “Deus é infinitamente poderoso para fazer muito mais de tudo o quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Ef 3:20). Sou cristã e a fé em Deus e em Cristo Jesus move minha vida e meu coração. Contudo, confesso que diante das péssimas notícias que chegavam diariamente, meu coração estava preocupado. Eu e meu marido tínhamos uma

viagem para a América do Norte em fevereiro desse ano e como ainda não haviam parado as viagens internacionais, viajamos mesmo assim, crendo que tudo daria certo.

Ao retornar ao Brasil, dia 26/02/2020, soube que o país registrava o primeiro caso de COVID-19 na cidade de São Paulo. E, logo depois, já chegava em Belém-PA e também no Maranhão. Aqui registro um segundo momento em que minhas emoções foram envolvidas num misto de ansiedade e preocupação. Como disse anteriormente, a preocupação repousava, em especial, pelos meus pais e sogros que são idosos e nas pessoas amigas e queridas que estavam dentro do grupo de risco. Em Belém, tivemos apenas um dia de aula no mestrado quando houve paralização das aulas, como em todos os colégios e faculdades do município de Belém, concomitante com os demais municípios do estado do Pará e também do Brasil. Iniciou-se um período de quarentena em todos os estados do Brasil sem previsão de quando terminaria. Meus pensamentos tornaram-se turbulentos, principalmente, em como lidar com esta nova realidade de ficar em casa. Junto com a quarentena, veio um período de ansiedade e expectativa para mim, família, amigos e todos os brasileiros, pois o Ministério de Saúde anunciava a contaminação comunitária pelo coronavírus e a grande questão era: “Até quando?” Pergunta esta que ninguém tinha resposta.

Apesar do período de grande tensão e mudança da rotina, ainda tive que dispensar minha secretária, pessoa querida que me ajuda nas tarefas domésticas, em especial, pelas limitações físicas que tenho por conta da artrite reumatoide e fibromialgia. Além das dificuldades emocionais, passei a enfrentar dificuldades com o cuidado com a casa, lembrei do cantor Paulo Diniz e sua música que diz: “E agora José?” Nesse período, minha maior preocupação era com meus pais e sogros que aumentava a cada dia, bem como estava preocupada com meus familiares que

moram nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Maranhão.

Além das dificuldades apresentadas até aqui, entrei no terceiro momento difícil da quarentena, quando soube que o hospital em que trabalho já estava com pacientes com COVID-19 e eu não seria dispensada, teria que continuar trabalhando. Apesar de ter doença autoimune e ser asmática, diagnóstico que poderia me afastar do trabalho, continuei trabalhando, pois respondia por duas chefias e o serviço precisava de mim. Nesse mesmo período, um processo alérgico, devido a vacina contra o H1N1, me trouxe febre e dores no corpo, por isso fui afastada alguns dias do serviço, mas logo depois retornei e continuo trabalhando até hoje, tendo o cuidado de utilizar os equipamentos de proteção individual. Confesso que tem sido dias difíceis onde rogo o cuidado de Deus, não apenas para minha vida, mas para toda a equipe de saúde, linha de frente no combate à epidemia em todo mundo. Não tem sido fácil!

Finalmente, entrei no quarto momento vivido nesse período tão difícil de quarentena, quando soube que meus sogros, minha cunhada e 03 (três) sobrinhos positivaram para o COVID-19, logo no início do mês de abril. A notícia que mais me preocupava e a toda família era do meu sogro, 72 anos, diabético e renal crônico, que realizava diálise diariamente. Quando ele passou mal, foi internado com quadro de pressão alta e dores abdominais, mas ao chegar no hospital teve início de infarto. Seguiu para a UTI, saiu e após um dia voltou novamente. Soubemos que hoje (26/04/2020), ele receberia alta da UTI pela segunda vez, mas ficaria internado em observação até completa melhora do quadro clínico. Seguimos em oração e clamor a Deus, não apenas pela vida de meu sogro, mas por todos aqueles que foram contaminados pelo COVID-19, pois sabemos que cada um tem sua história de vida e é querido e amado pelos familiares.

Minha maior reflexão sobre o momento atual que estamos vivendo é sobre qual a lição que Deus quer nos ensinar como seres humanos, como família, como profissionais e como habitantes desse planeta? Creio que uma lição ficará para cada pessoa, independentemente de raça, classe social, gênero, língua ou tribo. Confesso que a fé em Deus tem me sustentado e continua me sustentando até aqui, pois somente nosso Senhor, na pessoa de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, pode nos ajudar a encarar e superar os desafios e dores que o novo coronavírus tem trazido para o mundo inteiro.

Sigo em fé naquele que é o autor e consumidor de minha fé: “Tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus” (Hb 12:2).

Finalmente, gostaria de agradecer aos professores Dr. José Guilherme e Dra. Lucilinda, da disciplina de Narrativas: Tradição e Contemporâneo, do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura, da Universidade da Amazônia, a oportunidade de expressar minhas emoções e sentimentos nesse momento cheio de expectativas e dúvidas que temos vivido, no período de quarentena, por conta do novo coronavírus. Acredito que compartilhar emoções e sentimentos tem sido terapêutico para minha vida.

EU E MEUS PENSAMENTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mônica Eliana de Oliveira Ferreira

Hoje vivemos o colapso na economia política do Brasil, os órgãos públicos, aqui, especialmente o da saúde, apresentam a fragilidade de um sistema público que nunca funcionou devidamente. O caos na saúde pública é o retrato da má gestão de políticos preocupados em enriquecer ilicitamente.

A representação política do nosso Brasil é vergonhosa, um presidente que banaliza a realidade da saúde do país, desrespeita todas as orientações da Organização Mundial de Saúde - OMS, não se preocupa com número de enfermos, números de morte causadas pelo COVID 19. Em 12 de junho de 2020, os números registram 41.828 (quarenta e uma mil, oitocentos e vinte e oito) óbitos, e 828.810 (oitocentos e vinte e oito mil, oitocentos e dez) casos confirmados, conforme atualização no portal covid.saude.gov.br, e assim, o Brasil se tornou o segundo país com mais mortes em todo o mundo. O estado do Pará segue com o aumento da pandemia e registra em 13 de junho de 2020 mais de sessenta e seis mil casos confirmados e mais de quatro mil óbitos. Com baixo isolamento social, a população parece desconhecer os riscos, ainda nos deparamos com pessoas sem máscaras, inclusive expondo crianças, parece que estão sofrendo de uma demência coletiva.

Situação preocupante, no entanto, o desalmado chefe da nação brasileira, lamentavelmente, ao questionado sobre o coronavírus no Brasil responde: “Não há motivos para pânico”; “Se fosse contaminado nada sentiria”; “Brasileiro pula em esgoto

e não acontece nada”¹; “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre.”²; “E eu com isso”; “Eu não sou covreiro”³, diz esse energúmeno! Talvez não seja covreiro no sentido literal do termo.

Esses números não representam a realidade, uma vez que o Brasil não apresentou nenhuma condição para a testagem em massa da população, e realmente não podemos fechar os olhos para essa circunstância que nos aflige e nos torna vulneráveis diante do invisível e da subnotificação que acomete não apenas o Brasil, mas diversos países do mundo.

A dimensão política retrata a irresponsabilidade com o humano, quando em meus pensamentos fico querendo absorver o discurso do presidente, suas ideias, que só causa indignação, estranheza, perplexidade e até mesmo raiva, mas trago uma reflexão de Morin que pode nos ajudar.

Alimentamos com nossas crenças ou nossa fé os mitos ou ideias oriundos de nossas mentes, e esses mitos ou ideias ganham consistência e poder. Não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia. (MORIN, 2011, p. 53)⁴

Parece-me que matar e morrer é o que move o pensamento da extrema direita no Brasil, que vem veementemente divulgando cartazes pela volta da ditadura militar, do AI5. Uma Secretária de Cultura que banalizou a tortura no Brasil, que falou de Hitler! Com postura de uma pessoa

¹ <https://cartacampinas.com.br/2020/04/xxgrafico-relaciona-as-falas-de-bolsonaro-com-o-aumento-das-mortes-por-coronavirus/>

² <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>

³ <https://www.youtube.com/watch?v=alpUbYjjdn0>

⁴ <https://www.romanews.com.br/cidade/helder-tenta-barrar-na-justica-investigacao-da-pf-sobre-compra-de/78769/>

totalmente despreparada e desequilibrada. Difícil de acreditar! Que tipo de contrato a ex-namoradina do Brasil fez.

Charaudeau (2008), nos leva a compreender o lugar da fala dos sujeitos, do dito e do não dito, das manobras e intencionalidades do discurso. Por isso, o autor enfatiza que o discurso político “é por excelência o lugar de um jogo de máscaras, de um jogo polêmico que utiliza constantemente contratos e estratégias para convencer e seduzir os outros” (CHARAUDEAU, 2008, p.58). Logo, pode-se dizer que no discurso há inúmeros contratos e estratégias que mascaram sua real intenção, e que pela eloquência se falseiam verdades e escamoteiam uma dada realidade.

Outra questão é a descarada falta de ética nas atitudes e atos políticos, refiro-me aqui à compra de respiradores, luvas, remédios, entre outros; o superfaturamento desses materiais destinados a salvar vidas são manipulados nas mãos de corruptos, desalmados e cínicos, como no caso do nosso Estado, e pior, o Governador Helder Barbalho que tentou impedir a justiça da investigação do superfaturamento dos respiradores, já não bastasse que os aparelhos foram inadequados. Meu Deus, quantas vidas agonizando, quantas mortes. Olho para esses seres humanos (se é que podemos realmente chama-los assim), fico indignada e confesso que muitas vezes em meus pensamentos mais sombrios “desejo que sejam acometidos pelo coronavírus, que necessitem de um aparelho e não tenham, desejo que agonizem sem respirar até a morte”.

Mas, rapidamente procuro sair desse campo vibratório que só faz mal a mim mesma, recorro às orações, peço perdão a Deus. Essa dualidade que vive meus pensamentos, a sede de justiça, me causa um certo desconforto, talvez nesses momentos me falte fé e esperança e procuro aquietar minhas dores e aflições nas minhas crenças com base na doutrina espírita.

[...] colocando a verdade acima de seus interesses materiais, aqueles que proclamam abertamente, trabalham ao mesmo tempo para o seu futuro e dos outros.

[...] Semeiam na Terra o que colheram na vida espiritual; lá, colherão os frutos de sua coragem ou de sua fraqueza. (KARDEC, 2007, p. 289)

A razão política hoje é uma razão que retrata a fraqueza humana, a sua condição do estado de imperfeição. Não quero aqui colocar-me na condição de pessoa perfeita, não é isso, mas jamais posso aceitar essa política podre, a política da morte, vai de encontro a tudo que acredito e que aprendi, inclusive fere todos os princípios da Administração Pública. O Brasil não precisa de mais leis, precisa que as leis sejam cumpridas.

Na civilização grega, a razão política desenvolvida volta-se para a formação do cidadão, pautada na virtude, valores altruístas. Esses valores eram trabalhados pela educação, e assim, na formação do homem público, político; era necessário o domínio da eloquência, a arte do bem falar. Assim, os Sofistas ganham notoriedade ao ensinarem aos jovens a arte da oratória, para que estes, pelo uso do discurso pudessem persuadir os jovens, estabelecendo uma relação de poder com a manipulação da verdade, em contraposição à concepção sócrática.

O filósofo Sócrates, considerado o patrono da filosofia, rebelou-se contra os sofistas, dizendo que não eram filósofos, pois não tinham amor pela sabedoria e nem respeito pela verdade, defendendo qualquer ideia, se isso fosse vantajoso. Corrompiam o espírito dos jovens, pois faziam o erro e a mentira valer tanto quanto a verdade (CHAUI, 1997, p. 37)

Sócrates defendia, antes de qualquer coisa, a necessidade do autoconhecimento, “conhece-te a ti mesmo”. Nesta perspectiva, proporciona ao homem a busca da reflexão, assim evitaria as injustiças, as falsidades e o erro, valorizava o respeito pela verdade para levar os indivíduos ao uso da razão comprometida, a razão ética, é esta que valia para Sócrates.

O que hoje temos é um monte de New Sofistas mentirosos, que utilizando de um belo discurso enganam e manipulam a população desprovida de conhecimento (refiro-me à falta de escolarização e pensamento crítico). Essa população que está nas ruas, que vão as feiras das periferias porque é mais barato, que não têm condições de solicitar sua comida, seu supermercado por delivery, que não têm condições de comprar remédios, são e estão vulneráveis ao COVID 19, são vítimas da classe política que está no poder, como todos nós. Desculpem, sei que a generalização é um erro, mas fico descrente pela incerteza da classe política do Brasil, são verdadeiros abutres.

Cotrim (2000, p. 95), enfatiza que “Sócrates não dava importância à posição socioeconômica de seus discípulos. Dialogava com ricos e pobres (...)”, compreendia que o principal era a essência humana, o “eu” de cada um.

Como valorizar a essência humana em uma sociedade de aparências, de simulacros, de corrupções, de barbáries de aviltamento e morte à humanidade?

INCERTEZAS, ESPERANÇA, FÉ

O senhor ... Mire, veja: o mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (Guimarães Rosa)

Apesar das incertezas e das minhas constantes contradições pela minha condição de inconcretude, acredito no humano, acredito no desenvolvimento de novas consciências que olharão o humano como “humano de fato e de direito que são”, no desenvolvimento de novas consciências, a consciência planetária.

A consciência e o sentimento de pertencermos à Terra e de nossa identidade terrena são vitais atualmente. A progressão e o enraizamento dessa consciência de pertencer a nossa pátria terrena é que permitirão o desenvolvimento, por múltiplos canais e em diversas regiões do globo, de um sentimento de religião de Inter solidariedade, imprescindível para civilizar as relações humanas (ONGs, Sobrevivência Internacional, Anistia Internacional, Greenpeace etc são pioneiros da cidadania terrena). Serão a alma e o coração da segunda globalização, produto antagônico da primeira, que permitirão humanizar essa globalização. (MORIN, 2011, p. 73)

Esse processo de humanização só será possível pelo AMOR em toda a sua plenitude, o amor incondicional, que moverá as pessoas ao bem comum, a solidariedade, ao amor ao próximo, à melhor distribuição de renda. “Apenas na medida em que nos sentirmos unidos, solidários, fraternais e amorosos, poderemos enfrentar esse destino” (MORIN, 2001, p. 53)

A humanidade tem referências mundiais como Nelson Mandela, Madre Tereza de Calcutá e o Papa Francisco. No Brasil, temos Irmã Dulce que foi canonizada pelo Papa Francisco em 2019, temos Chico Xavier que foi médium filantropo, uma das maiores representações do espiritismo. Personalidades que trazem na sua essência o amor pela humanidade, pelo próximo.

Conheço pessoas simples que não são grandes personalidades, mas trazem esse sentimento de amor ao próximo, de humanidade, como padres, espíritas, umbandistas e até ateus, não importa, creio que chegaremos à Inter solidariedade social e mundial, a paz no mundo, a destruição de qualquer forma de barbárie. Parece utópico, talvez seja para nossa geração.

A Doutrina Espírita traz várias mensagens mediúnicas que dizem que “a Terra está passando por uma grande transição, em que o planeta passará da condição de mundo de provas e expiações para o mundo de regeneração”. Essa é uma das verdades que acredito da doutrina que professo, que tanto tem me ensinado a melhorar minha condição humana e espiritual.

Ainda tenho gestos e pensamentos egoístas, um exemplo é pensar em comprar remédios pra guardar e comprar comida pra estocar. Preciso me dispor mais a ajudar e sair do meu mundo, do meu conforto. Sinto até vergonha, mas a nossa condição de humano em processo de humanização é um tanto contraditória. Para Fontoura (1970) o homem egoísta, primeiramente deseja satisfazer os seus desejos, e só em segundo, ou terceiro plano, pensa no outro. Tenho ensaios e gestos generosos, mas não chega a ser esse amor incondicional, reconheço isso. Acredito que esse momento de pandemia mundial é um momento de reflexão, para revermos nossos valores, compreender o nosso estar no mundo e compreender qual a nossa contribuição para um mundo melhor.

Viver esse momento nos causa insegurança, e nos momentos de dúvida, do medo, recorro às orações. Os números dos acometidos pela COVID 19 tornaram-se rostos de pessoas próximas, pessoas que amamos, amigos, familiares, conhecidos, amigos dos amigos, afortunados ou não, sem cor nem idade, apenas vítimas.

Recentemente, perdemos um amigo muito querido, a dor ainda está presente nos nossos corações, buscamos o conforto na religião que professamos, a Doutrina Espírita, que tanto tem nos trazido consolo. Trago para reflexão um poema de Santo Agostinho que sabiamente nos presenteou.

A MORTE NÃO É NADA

A morte não é nada.
Eu somente passei
para o outro lado do Caminho.

Eu sou eu, vocês são vocês.
O que eu era para vocês,
eu continuarei sendo.

Me deem o nome
que vocês sempre me deram,
falem comigo
como vocês sempre fizeram.

Vocês continuam vivendo
no mundo das criaturas,
eu estou vivendo
no mundo do Criador.

Não utilizem um tom solene
ou triste, continuem a rir
daquilo que nos fazia rir juntos.

Rezem, sorriam, pensem em mim.
Rezem por mim.

Que meu nome seja pronunciado
como sempre foi,
sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
ou tristeza.

A vida significa tudo
o que ela sempre significou,

o fio não foi cortado.
Por que eu estaria fora
de seus pensamentos,
agora que estou apenas fora
de suas vistas?

Eu não estou longe,
apenas estou
do outro lado do Caminho...

Você que aí ficou, siga em frente,
a vida continua, linda e bela
como sempre foi.”

(SANTO AGOSTINHO)

Assim, estamos seguindo, acreditando no futuro de dias melhores. O amparo da família, de amigos mesmo distantes, também é um bálsamo que conforta nossas aflições. Um grande movimento de solidariedade humana e de ajuda ao próximo tem tocado os corações de muitos que estavam afastados das religiões, por falta de tempo, ou até mesmo por não atentarem a essas questões.

Minha gratidão a Deus por ter todos os dias o pão de cada dia, um lar, uma cama pra dormir, minha gratidão aos profissionais de saúde que como grandes combatente estão na frente dessa guerra (digo guerra porque não é só contra o vírus, mas um campo minado da política perversa desse país, a política da morte), minha gratidão aos meus familiares, amigos do coração, outros novos amigos que no isolamento conseguimos nos unir, ou seja, grupos de orações, grupos de ajuda aos necessitados.

Desejo que quando tudo isso passar, o espírito de solidariedade humana permaneça no coração das pessoas, que possamos sair dos nossos castelos dourados, dos nossos confortos e ir ao encontro dos infortúnios ocultos, que o amor ao próximo seja a meta de vida de cada um de nós.

“Amareis a Deus de toda a vossa alma e ao próximo como a vós mesmo”. [...] quer dizer, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo, o mesmo é que fazê-lo contra Deus”.
(Allan Kardec, Capítulo 15, item 5.)

Que Assim Seja!!



2020

Rosângela Araújo Darwich

Aquela lágrima,
dormi com ela entre as pálpebras.
Não vi a madrugada umedecida,
emudecida acordei ontem.

Os dias se repetem como se já não estivéssemos sobre a Terra
a contá-los.

Um espaço foi aberto entre o primeiro e o segundo 20:
caímos.

Solta no ar procuro minhas mãos para que elas se agarrem
em um possível galho onde não há árvores,
em uma corda presa ao nada.

Quanto mais, por sob a máscara, meu rosto se dissolve,
mais altos sorriem meus olhos.



NARRAVIDAS DA PANDEMIA

Terezinha de Jesus Monteiro Lobato do Nascimento

Tia Célia era conhecida pelo almoço no domingo do Círio. Quem acompanhava a procissão ou esperava a Santa passar, já sabia que o almoço da Tia Célia não poderia faltar. Nem o aconchego da recepção e da felicidade em ver a casa cheia que transbordava do sorriso daquela senhora. Eu “batia ponto” com o meu marido depois da procissão. Gostava do abraço, do carinho que me envolvia e das panelas imensas no fogão com tudo que se tem direito em um almoço no Círio. O bom era pegar da panela, encher o prato, saciar a fome, pois a Tia Célia queria que comêssemos bem. E nós comíamos! Ainda havia as quentinhas que ela distribuía às pessoas necessitadas da rua e as quentinhas levadas pelos parentes e amigos que garantiam o almoço de segunda. Tia Célia foi levada pela Covid – 19.

Vasco era aquela pessoa que a gente gostava logo de cara. Gerente de uma loja de materiais de construção, recebia o cliente como se fosse um velho amigo. Conhecia tudo, sabia tudo, bastava sentar em uma cadeira posicionada estrategicamente ao lado de uma mesinha de café e dar a lista do material. “Esse aqui é bom, boa marca” ou “Isso não vai durar, leva essa tinta aqui”. Não havia “passadinha rápida” na loja, todo mundo procurava o Vasco, o telefone não parava. Eu costumava dizer que ele havia reformado a minha casa, construído uma parte, porque ele sempre dava um jeito para que levássemos o necessário, que era “o bom, o bonito e o acessível”. Na última vez, a mesa dele estava cheia de latinhas de menta, pedi uma. Não eram mentas, eram moedas. Meu amigo Vasco foi levado pela Covid-19.

Por muitas semanas eu já abria os grupos do “zap” temerosa porque havia sempre uma notícia de alguém doente,

internado ou levado pela Covid-19. Pessoas eram levadas como um vento forte leva uma folha e não conseguimos persegui-la, seguir seu percurso. As pessoas entravam em um hospital, deixavam suas casas com a certeza do retorno e não davam nenhum adeus. Parentes, amigos, dias sem ouvir a voz de quem partiu, sem ver seu rosto, depois, apenas a notícia da morte, uma dor que vinha de surpresa, cravando, se instalando aos poucos porque a notícia parecia um grande engano, uma mentira. Não houve ritos, velório, o caixão fechado, histórias passadas naqueles últimos momentos na memória. A dor mesmo viria mais tarde, intensa, crescente. Sim, foram levados.

O primeiro caso foi de alguém que veio da Itália, se bem me recordo. Um almoço. Pessoas ali foram infectadas. Depois, não me recordo mais. Os números foram crescendo, países se tornaram desertos, alvos de estatísticas assustadoras, idosos morrendo em asilos, médicos escolhendo quem deveria sobreviver, máscaras tornaram-se uma peça do vestuário obrigatória, abraços, beijos, o afeto se transformou em transporte para a doença. Porém, tínhamos ainda a esperança de que em nossa terra isso não aconteceria. Mas aconteceu. Um amigo, um irmão, um tio, um colega de trabalho, um enfermeiro, um professor. Passaram a ter nomes, rostos, histórias.

Acredito que seja necessário conhecermos essas histórias, vermos que esses números escondem narrativas de seres humanos que amavam e eram amados, sonhavam, ensinavam, cuidavam, independentemente da idade, eles eram importantes. Eles não podem ser relegados às benditas matemáticas como se a morte fosse algo normal que chega em algum momento. Isso é descaso, irresponsabilidade, desprezo ao próximo. Como não se comover com o filho implorando para o seu pai ser atendido no hospital, enquanto o segurança os manda embora porque não havia vaga. Eu fui à janela porque ouvi os gritos desse filho

desesperado. Me senti mal como me senti com outros gritos de pessoas que perdiam seus pais, seus maridos. Moro ao lado desse hospital.

Como não se comover com o Papa Francisco caminhando sob a chuva na Praça São Pedro, cansado, solitário, como se estivesse carregando a dor do mundo? Como não o acompanhar nessa caminhada lenta, sufocante e rezar pela vida sem pensar na religião, na oração, apenas pedir pela vida, pela paz? Como não se emocionar com as pessoas cantando nas janelas, construindo pontes invisíveis para “tocar” o outro, sentir alegria em meio a um isolamento envolto em medo e dúvidas?

Não consigo escutar as histórias narradas por atores no domingo à noite, contando um pouco da vida de quem foi levado e ficar indiferente. Elas me invadem, parecem aqueles filmes que têm um final sem resposta, abrupto. Um dia pensei o que fariam de mim, me vi pensando que seria algo assim: “ela foi forçada a ir porque ainda tinha muitos sonhos”. Isso também serviria para um senhor que havia publicado um livro aos 80 anos e ainda estava aprendendo a dançar! Tenho certeza que ele partiu emburrado, enraivecido. O médico, ainda bem jovem, deve ter protestado bastante na sua partida e necessitou de vários anjos para levá-lo. Isso tudo passa pela minha cabeça para aceitar tantas idas, inclusive a minha, se chegar meu momento nessa pandemia.

Novamente eu me pergunto: como achar que somos apenas números? Como cruzar os braços e crer que depois de tudo isso poderemos voltar ao normal, o “normal” de antes? Hoje eu vi em uma rede social que o pai de uma colega de trabalho havia falecido. Semana passada foi a avó de uma amiga. Um dia teremos que voltar ao trabalho, às aulas, aos coletivos, contudo, não podemos fazer isso sem refletir acerca de tudo que vivemos, do quanto choramos pelas perdas, lembrarmos

das cenas transmitidas minuto a minuto nos jornais e em nossa ansiedade ao nos preocuparmos com as idas e vindas, sem sabermos se um invasor silencioso nos acompanharia até nossa casa e nos arrancaria alguém.

Lembro que uma noite minha cunhada enviou uma mensagem. Ela trabalha em uma Unidade de Pronto Atendimento, sempre desejou trabalhar nessa área de saúde, trabalha por amor, paixão, mas naqueles dias desejou não estar ali. Ela estava chorando pelo número de pessoas doentes, à beira da morte e pelos vários sacos envolvendo corpos à espera do IML, empilhados no chão porque não havia local para deixá-los. Essa situação se repetiu em vários locais do Brasil. Muitos dirão com frieza ou negacionismo da dor, que não representavam mais nada, que poderiam ficar em qualquer lugar... Mas não é bem assim. Narrativas moravam naqueles corpos, talvez bem vividas, capazes de gerar músicas, poesias. Talvez mal vividas, desperdiçadas, porém não menos valiosas para quem faz da escrita viva um ofício.

Hoje fui à janela para procurar o Seu Renato. Ele sempre ficava na esquina vendendo jornais. Um senhor simpático, deve ter mais de 60 anos. Achei que ele já poderia ter retornado a sua esquina. Não estava. Rezo para estar em casa, quieto, protegido. O mesmo peço para as senhoras caminhantes da praça, sempre por mim observadas enquanto eu ficava “curtindo” minha recuperação de um problema de saúde. Elas estavam (ou eram?) mais jovens do que eu e isso, não sei dizer porque, me deixava feliz. Não quero que essas pessoas tenham se transformado nos dados de alguma planilha científica.

E como não pensar na mãe, levada pela Covid-19, 40 dias após dar à luz uma menina? Essa narrativa veio de alguém próximo, o pai é um colega de trabalho de uma amiga. Ela presenciou a felicidade do casal com a gravidez. Primeiro filho,

a família da mãe fez um churrasco e a família do pai, de outro Estado, já pensava em comprar as passagens para assistir à chegada do neto. E quando souberam que era uma menina, a felicidade se completou! Minha amiga, ao contar essa história, me fez recriar tudo na minha mente, e eu que nunca fui mãe, colori, enfeitei, fiz sublimar mais ainda na minha imaginação de mãe-espírito. Contudo, Deus tem sua narrativa derradeira, a mãe que deu sua filha à luz da vida, perderia essa luz, dias depois.

Não sei como terminar essa narrativa, aliás, acho que nunca teria fim. A senhora, velhinha, no supermercado, sem máscara. O morador de rua pedindo uma máscara a quem passava por ali, pela “sua calçada”. No jornal disseram que horas depois, ele já estava com quase 20 máscaras. A minha mãe de coração, 75 anos, com Alzheimer, reclamando por não sair de casa, por usar “aquele negócio na cara”. Comprei “esse negócio” com estampas bem bonitas, ela gosta de tecidos coloridos. Meu irmão e marido, diabéticos, hipertensos, teimosos, “siris na lata”, dariam crônicas maravilhosas! As trocas de vivências com amigos-irmãos que compartilham a minha “rede existencial” então!

Já sei como terminá-la, mas vou pedir licença a Martinho da Vila e “cantar forte, cantar alto, que a vida vai melhorar” e quando “deixar a tristeza pra lá”, eu escrevo de novo.

SOBRE OS ORGANIZADORES

José Guilherme de Oliveira Castro possui graduação (Licenciatura) em Letras pela Universidade Federal do Pará (1967), graduação (Bacharel) em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (1978), graduação em Formação de Psicólogo (1978), graduação (Licenciatura) em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (1981), mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1982) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997). Atualmente, é professor titular da Universidade da Amazônia (Unama), docente permanente (Mestrado e Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativa, conto fantástico, sociedade, imaginário amazônico e lirismo.

Lucilinda Ribeiro Teixeira tem licenciatura plena em Letras (1982) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Possui mestrado (1995) e doutorado (1999) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Atualmente é professora titular da Universidade da Amazônia (UNAMA), exercendo a docência nos cursos de graduação em Letras e em Moda. É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (Mestrado e Doutorado) da UNAMA, atuando na linha de pesquisa Linguagem, Identidade e Cultura da/na Amazônia.

SOBRE OS AUTORES

Alessandra Cruz Nogueira Leão é mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, UNAMA. Tem especialização em Dificuldades de Aprendizagem pela UERJ e é graduada em Pedagogia pela UNAMA.

Alessandra Fonseca dos Santos Soares é graduada em Comunicação Social - Jornalismo/ UNAMA e mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA. Atualmente atua na Assessoria de imprensa da Universidade da Amazônia.

Amanda Roberta Botelho Menezes é doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFPA, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNAMA. Atualmente atua como arquiteta.

Anna-Beatriz Bassalo Aflalo é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Amazônia. Atualmente atua como Arquiteta, artista de lettering e docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design de Interiores, Moda e Publicidade e Propaganda na Universidade da Amazônia.

Andréa da Silva Mendes Borges é mestranda no Programa de Comunicação Linguagens e Cultura da UNAMA, especialista em Marketing, graduada em Comunicação - Publicidade e Propaganda. Atualmente atua como gestora de Redes Sociais.

Antônio Carlos de Castro dos Santos é mestrando e Bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Linguagens e Cultura da UNAMA, Especialista em Língua Espanhola (PUC-MINAS) e Graduado em Letras Habilitação em Português e Espanhol (UNAMA). Atualmente trabalha como professor de Espanhol da Rede Pública de Ensino.

Camila Bastos Lopes da Silva é doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela universidade da Amazônia - UNAMA, mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás/2017 (PUC). Tem especialização em Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia Preventiva pela Universidade do Estado do Pará. Possui graduação em Relações Internacionais e em Letras Português/Espanhol/Literaturas, pela Universidade da Amazônia. É graduanda em Educação Física pela UNINTER. Atualmente trabalha como tradutora juramentada e intérprete comercial, avaliadora, professora e crítica literária.

Carla Regina Santos Paes é doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade da Amazônia - UNAMA. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade da Amazônia - UNAMA. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade da Amazônia (2009). Pedagoga, formada pela Universidade Federal do Pará (2003). Atualmente atua como Técnica Pedagógica na SEMEC - desde 2012.

Carolina de Sousa Franco Santos é doutoranda no Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia -UNAMA, mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriano Mackenzie - SP, graduada em Pedagogia pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Atualmente é coordenadora de Cursos a Distância no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, no Estado do Pará.

Dalva Lima dos Santos é mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura - UNAMA, graduada em Letras pela UFPA. Atualmente é professora da Universidade da Amazônia.

Danielle do Socorro Castro Moura é doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura na UNAMA, mestre em Psicologia Clínica pela UFPA, especialista em Educação, Cultura e Organização Social pela UFPA, graduada em Psicologia pela UFPA. Atualmente é professora da UEPA.

Diego Duarte Borges é doutorando e Mestre pelo Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA, tem especialização em Marketing, graduação em Publicidade. Atualmente é professor, ministra cursos e palestras em Marketing digital para empresas.

Enilene Débora Leite Rodrigues é mestranda no Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura, UNAMA e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Amazônia - UNAMA.

Fleyvisson Luan da Silva Lobato é mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, UNAMA, é especialista em Tradutor e Intérprete pela FIBRA e graduado em Letras Português / Inglês. Atualmente atua como professor.

Frank de Sousa Santos é doutorando do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA -, Mestre em Letras pela UNIFESSPA- tem especializações em Análise Linguística pela - FAIARA - e Psicopedagogia Clínica pela - FACIBRA -, graduado em Análise Linguística pela - FAIARA - e Psicopedagogia Clínica pela - FACIBRA. Atualmente é professor Efetivo de Língua Portuguesa - SEMED/Parauapebas-PA e SEDUC/Pará e Docente Universitário da FAADEMA.

Ingrid Nazaré de Souza Franco Mendes é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA, especialista em Design de Interiores, Paisagismo e Luminotécnica e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFGA. Atualmente é autônoma em projetos arquitetônicos e em consultoria.

Joyce Cristina Farias de Amorim é doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA - graduada em Letras/hab. espanhol e inglês pela Universidade da Amazônia. Atualmente é professora de língua inglesa pela SEDUC – PA.

Kátia do Socorro Carvalho Lima é Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura – Universidade da Amazônia – UNAMA; Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Psicopedagoga Institucional pelo Centro Universitário do Pará – CESUPA. Professora da Universidade do Estado do Pará - UEPA. Coordenadora acadêmica da Pós-Graduação e professora do Centro Universi-

tário FIBRA. Pesquisadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire/UEPA e do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão GEPIDI/UNAMA.

Kátia Regina de Souza da Silva é especialista em Língua Portuguesa: Uma abordagem textual - UFPA (2017) e em Relação Étnico-Racial - UFPA (2016). Graduada em Letras - Língua Portuguesa - UNAMA (2015) e em Pedagogia – UNAMA (2020). Mestranda do PPGCLC/UNAMA. É professora voluntária do Instituto Atitude Social - INSAS/UFRA.

Kyria Melo Rodrigues Monteiro é mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA -, graduada em Jornalismo pela UNAMA e em Letras Português/Inglês pela Anhanguera. Atualmente atua como jornalista e professora.

Leandro de Sousa Almeida é mestrando do Programas de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. Tem especialização em Serviço Social e Políticas Públicas e em Controle, Prevenção e Intervenção na Violência. É graduado em Serviço Social. Atualmente trabalha como assistente social, brinquedista e professor de educação lúdica.

Lia Cristina da Silva Botega é mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA -, graduada em Psicologia pela UNAMA. Atualmente atua na Fundação Papa João XXVIII como psicóloga social e em consultório particular.

Luiz Rodrigo Brandão Pinheiro é mestrando em Comunicação, Linguagens e Cultura na UNAMA, graduado em Letra pela UNAMA. Atualmente trabalha com pesquisas e na docência.

Luna Carvalho de Lucena é mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA- e graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda - UFPA.

Márcia Nemer Furtado é doutoranda do Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia –UNAMA, mestre em Gestão Pública pelo Núcleo de Alto Estudos da Amazônia - NAEA, UFPA, graduada em Ciências Sociais. Atualmente é professora de sociologia na rede pública de Ensino (SEDUC).

Marlene Silva de Moura é mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, UNAMA, graduada em Odontologia pela UFPB -, em Teologia SCEN -, e em Psicologia na UNAMA. Atualmente atua no Hospital de Aeronáutica de Belém - HABE.

Mônica Eliana de Oliveira Ferreira é doutoranda do Programa em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA, mestre em Ciências da Educação pela Universidade Internacional Lisboa - Portugal, especialização em Formação de Professores - ISULPAR, e em Docência do Ensino Superior –UFPA-, graduada em Pedagogia - UNAMA. Atualmente é professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e técnica na Secretaria de Estado de Educação – SEDUC.

Rosângela Araújo Darwich é psicóloga (CRP-10/725), psicoterapeuta e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e de graduação do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (2007) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (CENSUPEG, 2019). Estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Freiburg, na Alemanha (2019).

Terezinha de Jesus Monteiro Lobato do Nascimento, mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, UNAMA - graduada em Direito pela UFPA e em Letras/ Inglês pela Universidade da Unama, atualmente atua como Analista Judiciária no Tribunal de Justiça do Pará.

